

CAPÍTULO I

PARA UMA INTRODUÇÃO À PESQUISA: PASSOS DA CAMINHADA

Sempre que as pessoas se deparam com um problema e acham difícil sua solução ou não encontram a melhor maneira de resolvê-lo, paira no ar uma pergunta: e agora? Não foi diferente o que aconteceu com esta pesquisadora.

Cursando o mestrado há um ano, depois de três décadas dedicadas ao magistério como professora de Educação Física, nascida e educada na cidade de Joinville, depara-se com essa pergunta. Trata-se, no entanto, de uma professora-pesquisadora e não uma escritora. Ora, o que fazer? Terminada a fase dos módulos das disciplinas do mestrado, chegou a hora de resolver as dúvidas que tanto a angustiavam, entre elas, a escolha do tema. É imprescindível que essa questão, tão difícil, seja proposta com critério. As idéias surgiram e foram amadurecendo no decorrer dos últimos doze meses. A hora é agora.

Trabalhando hoje como professora da Universidade de Joinville (Univille), no curso de Educação Física, onde leciona a disciplina de Atividades Rítmicas desde 1974, pôde observar que o material bibliográfico para pesquisas nesta temática é muito raro e escasso. Ainda mais: mesmo sendo Joinville uma cidade de origem germânica que tem privilegiado as questões culturais, nada pôde ser encontrado de subsídios a respeito de atividades rítmicas, objeto de interesse dessa pesquisadora no plano político-pedagógico, cultural e histórico.

Com essa intenção e tendo a cidade de Joinville como campo de pesquisa, foi feita uma triagem inicial do local que nos pareceu mais adequado para o desenvolvimento desta pesquisa, com a intenção de produzir conhecimentos na direção do interesse de pesquisa. O local escolhido para o trabalho de campo nesta temática foi o bairro de Vila Nova, por conservar ainda características germânicas mais acentuadas e raízes européias de modo geral.

Fundamentos deste Estudo:

Objetivos, Delimitação e Importância

É, pois sobre este recorte cultural e geográfico que se desenvolveu a pesquisa que teve como objetivo geral: Identificar elementos da cultura popular relacionado às atividades rítmicas, circunstanciados a uma comunidade de raiz étnica germânica. Além disso, essa pesquisa teve como objetivos específicos: compreender o processo de construção das identidades culturais a partir das festas populares, analisar criticamente as políticas públicas do município de Joinville referentes ao campo da cultura, construir subsídios para a atividade docente na formação profissional no âmbito da cultura popular.

O tema “A cultura popular e as atividades rítmicas” surgiu, do interesse desta pesquisadora pelo aspecto inovador e pelos indícios, salvo engano, de não ter sido pesquisado anteriormente nesta região. A cultura e a história da colonização de Joinville, aliadas à prática de atividades rítmicas, envolvendo a construção e preservação da identidade cultural de um povo de etnia germânica, é um tema apaixonante e de indescritível riqueza. Passados 150 anos, a imigração para as terras desconhecidas do norte do Estado de Santa Catarina merece atenção especial e aprofundada.

Para a realização desta pesquisa, é necessário situar a posição geográfica de Santa Catarina, de Joinville e do bairro escolhido, Vila Nova, com a finalidade de apresentar a delimitação do estudo em sua relação com a caracterização cultural desta pesquisa.

Figura 1 – Mapa da Localização de Santa Catarina – Joinville



Fonte: IPVG, 2001/2002.

“Santa Catarina está localizada no sul do território brasileiro. Juntando-se ao Rio Grande do Sul e ao Paraná forma a Região Sul do Brasil. É o menor Estado da Região”, como se expressa Ribas Junior (2000, p. 7).

De acordo com a Prefeitura Municipal de Joinville (1996, p. 7), “a cidade em questão está localizada na região sul do país; município pólo da micro-região nordeste do Estado de Santa Catarina. Seus limites são: Garuva, Campo Alegre ao norte, Araquari, Guarimirim, Schoereder ao Sul, Jaraguá do Sul, Campo Alegre e Schoereder a Oeste; São Francisco do Sul a Leste. Sua área abrange 1.1833 km²”.

Em 1997, a Lei complementar número 54 editada pela Prefeitura Municipal de Joinville, redimensionou os limites do bairro de Vila Nova, com a seguinte identificação: “o bairro Vila Nova, inicia na confluência da Rua dos Portugueses com a BR-101; desse ponto,

segue pela BR-101, prossegue pela Rua Miguel Ângelo, continua pela projeção do eixo a Rua Miguel Ângelo, na direção da Rua São Bento; segue pelo rio Águas Vermelhas, continua pela linha do Perímetro Urbano da Sede, no sentido horário, e Rua dos Portugueses, até o ponto inicial”. Corrêa & Rosa (1992, p. 180), afirmam que o bairro Vila Nova, *apesar de existência recente no aspecto legal, tem raízes nos primórdios da colonização de Joinville, em razão da necessidade de se estender os limites da antiga colônia através de uma picada que a ligasse à serra, fato que traria importantes resultados à Colônia, pois a ligaria à cidade de Curitiba. Outro fator que levou a Colônia a expandir-se está ligado à procura dos terrenos por seus respectivos proprietários, utilizando-se de algumas ‘picadas’ já existentes, em geral no sentido Rio Cachoeira – Serra do Mar, através de riachos que apresentavam determinada profundidade navegável.*

Figura 2 – Bairro onde a Pesquisa se Desenvolveu



Fonte: Próprio autor, 2002.

O resgate dos aspectos históricos da emigração alemã no território catarinense seria, de *per si*, de suma importância. Resgatar aspectos subjacentes e, portanto, menos explícitos da presença dessa etnia tão significativa para Joinville e adicionada às festividades marcadas pelas características rítmicas que singularizam esse povo, é de importância incontestável.

Contribui uma pesquisa deste gênero para o avanço acadêmico, tanto em relação ao caráter teórico quanto ao caráter prático, assim como para o aperfeiçoamento de aspectos metodológicos.

Preenche também pesquisa deste tipo, lacuna visível na produção acadêmica brasileira nas áreas de Educação e Educação Física que pouco têm produzido acerca das relações com a cultura popular e seu papel educativo, o que seria suficiente para justificar a importância deste estudo.

Atividades Rítmicas, Memória Viva e Experienciada

Para que se possa entender um pouco mais sobre o interesse para com as atividades rítmicas, deparamo-nos primeiramente com uma dificuldade enorme de encontrar bibliografia em tal área. Essa barreira começou nos idos anos 70, quando recém formada em Educação Física, esta pesquisadora, recebeu um convite inesperado para assumir a disciplina de atividades rítmicas no curso de Educação Física da Universidade da Região de Joinville – Univille, que na época era denominada Furj (Fundação Universitária da Região de Joinville).

O conhecimento a respeito da disciplina era superficial e muito recente. Tudo era novidade. A insegurança era total. Assim sendo, a biblioteca da Universidade e a Municipal da cidade foram procuradas. Não havia quase nada sobre atividades rítmicas. Como o ano letivo estava por iniciar, foi solicitado à direção do Curso o programa da disciplina. Analisando, pesquisando e estudando os tópicos do programa, ocorreu outra surpresa. A pesquisadora não possuía conhecimento suficiente e aprofundado sobre teoria musical que constituía parte importante do embasamento teórico da disciplina.

Foi, então, socorrida por seu avô materno que na época tocava flauta na orquestra da sociedade Harmonia Lyra de Joinville. Ele descendia de família de músicos e possuía

grande conhecimento sobre música. Esta pesquisadora passou a freqüentar diariamente sua casa nas horas de folga. A sala onde ficava velha radiola e coleção de discos servia de local para o aprendizado proposto. Inicialmente foi escolhido e discutido um disco, geralmente um clássico. Passados alguns dias, os grandes compositores, orquestras e, principalmente, a ordem de entrada dos instrumentos e o andamento das músicas começou a ficar mais familiar. Enfim, as mudanças que ocorreram no decorrer da música começaram a ser notadas; porém, os disparates eram enormes. Com toda a paciência, parávamos a execução da música e começávamos tudo outra vez: *“o andamento da música aqui é lento, agora é ligeiro; portanto, em uma mesma música podemos ter diversos tipos de andamentos”*. Após algumas semanas, já trocávamos idéias sem cometer muitos erros.

Partimos então, para a parte teórica. Estudo do ritmo, divisão de frases musicais, compassos binário, ternário, quaternário, etc... Um pouco mais segura, comecei a ministrar as aulas, pois o ano letivo havia iniciado. Aprendi muito com vovô Ernani.

De grande valia foi, também, a pianista Cleusa, que na época trabalhava tocando piano nas aulas de atividades rítmicas. Graças a ela, pude unir prática e teoria, pois a bibliografia a respeito ainda era pequena e precária.

Hoje, quando me vejo diante dos alunos, lembro-me das dificuldades pelas quais passei, sinto a necessidade de escrever e relatar experiências adquiridas no decorrer da profissão, principalmente, sobre atividades rítmicas. Esta pesquisa, apesar de não suprir totalmente esta necessidade, já aponta nesta direção.

Passos Metodológicos da Caminhada

A metodologia empregada na pesquisa é do tipo qualitativo, descritiva-exploratória, em função do seu caráter inicial neste tipo de temática. Alguns autores como Triviños (1987, p. 116), entendem “a pesquisa qualitativa como uma ‘expressão genérica’. Isso signi-

fica, por um lado, que ela compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E, por outro, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns”.

Esta é uma idéia fundamental que ajuda a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador com o objetivo de atingir uma análise e interpretação da realidade de um ângulo qualitativo.

Para Haguette, (1987, p. 55), “Os métodos quantitativos supõem uma população de objetos de observação comparável entre si e os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser”.

O levantamento e análise dos dados observados foram os elementos da cultura popular, caracterizados nas atividades rítmicas nas festas populares circunstanciados a uma comunidade com substrato de raiz étnica Germânica, no bairro de Vila Nova, na cidade de Joinville.

Como? Da seguinte maneira: observando e registrando os momentos do ato de dançar em festas populares que deixam transparecer gestos com características de substrato cultural germânico bem como a maneira de agir, ora cantando, ora gesticulando, se expressando através de gestos ritmados, além dos registros da memória de alguns sujeitos importantes na dinâmica cultural da comunidade.

Em virtude do tempo escasso e a falta de oportunidade de observar outras festas e atividades em datas não coincidentes com o Cronograma desta pesquisa, alguns eventos indicados no projeto deixaram de ser observados. Tomamos como critério de prioridade, as festas coletivas na comunidade investigada, por serem mais propriamente ligadas à raiz étnica germânica, preservando maior conteúdo na constituição da identidade cultural, especialmente no que diz respeito às atividades rítmicas.

As técnicas utilizadas nesta pesquisa foram as seguintes: observação participante, e análise documental, além de registros fotográficos e filmagens.

O processo de levantamento de dados foi realizado pela própria pesquisadora no bairro selecionado. Os dados foram analisados de acordo com:

- o referencial teórico-conceitual adotado na pesquisa;
- os resultados de estudos e pesquisas similares, realizadas em outras regiões do país e do mundo.

Isso permitiu à pesquisadora ter indicações precisas sobre as dimensões e formas de análise que foram constituídas ao longo do processo de pesquisa.

Festas Observadas no Período de Maio à Julho:

- 19 de maio – Bandoneon Fest (2º Encontro de Bandonionistas);
- 9 de junho – Festa de Comemoração dos 148 anos da Comunidade Evangélica Luterana de Vila Nova (Paróquia Bom Jesus);
- 14 de junho - Torneio de Bocha (Petisqueira Piraí);
- 15 e 16 de junho – Festa do Padroeiro (Capela Santo Antônio – Estrada do Sul – Km. 15);
- 12, 13 e 14 de julho – XXVIII Festa do Colono (Sociedade Esportiva e Recreativa Piraí);
- 14 de julho – Apresentação do Grupo Cultural Raio de Sol (Escola Estadual Maestro Manoel da Silva).

Em todo o processo de coleta de dados houve grande receptividade por parte dos informantes do Bairro de Vila Nova passando a constituir-se uma honra à oportunidade de participar de uma pesquisa desse gênero. Esperando, dessa forma, ter contribuído para a preservação e reconstrução da cultura, desse povo de origem germânica.

No capítulo seguinte, será feita uma discussão sobre as diferentes formas de cultura, a perspectiva de políticas públicas mais centrada nas atividades voltadas para a cultura no município de Joinville, as atividades rítmicas e a educação musical na formação humana, esperando, com essa discussão, construir um melhor embasamento para a identificação dos objetivos propostos nesta pesquisa.

No terceiro e último capítulo, será feita uma descrição das festividades populares observadas no bairro Vila Nova, analisando o envolvimento dos membros da comunidade, a função social das festas na preservação da memória, das tradições e na construção da identidade local dos seus membros, bem como na educação das novas gerações.

CAPÍTULO II

A CULTURA POPULAR E O ESPAÇO PÚBLICO: FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS

O estudo sobre a cultura popular surgiu da necessidade de garantir o desenvolvimento de atividades que caracterizassem a cultura, incentivando o resgate das tradições e promovendo a auto-estima do povo que aqui se instalou.

Prestigiar atividades que representem identidade cultural é apenas uma parcela de um movimento maior que abrange todos os espaços onde possam acontecer criações culturais originais.

Primeiramente, esse movimento precisa ser entendido como o cultivo das atividades que tenham identidade cultural capaz de resgatar os valores do passado. É preciso levar em consideração as origens étnicas ou grupos sociais que por iniciativa própria, desenvolveram e desenvolvem atividades utilizando apenas os recursos ao seu alcance.

Cada grupo humano, por mais isolado e carente que seja, acaba organizando sua vida como resposta às suas próprias necessidades. O espaço de lazer e o tempo livre passam a ser ordenados e vividos através de práticas lúdicas que refletem as características básicas da ordem cultural. Assim, cada região do Brasil criou as suas próprias manifestações culturais e nelas estão expressos os traços básicos de todas as práticas e relações sociais.

Para Chauí (2002), o termo cultura é o elemento que separa a animalidade da humanidade, isto é, dizer que o homem é um ser social e cultural, significa dizer que ele é capaz de estabelecer um universo simbólico e interativo onde age, explica, interpreta e se reverencia, do contrário a animalidade e a natureza se caracterizam pela dureza dos instintos e necessidades biológicas. O homem é um ser cultural e não só animal biológico, na

medida em que cria instrumentos comunicativos e cognitivos que possibilitam a circulação, criação e repasse de informações. No mundo da natureza, tal realidade seria impossível.

Ao longo da história do significado do conceito cultura, encontra-se diversas definições o que é importante de imediato é perceber as raízes lingüísticas formadoras da palavra, como nos indica Chauí (2002): cultura está no latim “colere” de cultivo de plantas e animais, de cultivo da inteligência ou culto aos mortos e deuses. Já do germânico “kultur” temos outro sentido da palavra, cultura como caracteres morais e espirituais de uma comunidade, ou um conjunto de sentimentos e comportamentos de uma dada sociedade.

Um conceito de cultura mais elaborado, científico e claro só aparece no século XIX, com a constituição do saber antropológico, Edward Tylor (1832-1917) apud Chaui (2002) é um dos pioneiros na construção do conceito de cultura. Na sua obra cultura primitiva de 1871, define com “um todo complexo de conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade adquirida pelo homem através da sociedade”.

Ao longo da evolução do conceito de cultura, a antropologia cada vez mais, refina, reelabora e reconstrói o conceito, entendendo cultura como “um conjunto de códigos”, “uma teia de significados” ou, “uma ordem simbólica instituída e instituinte”. O importante aqui é ter uma definição inicial do termo cultura e entender-se por cultura, um conjunto de símbolos processados no interior das sociedades, criando um comportamento social instituído.

Em Chaui (2002 p. 291), lê-se ...agora estamos diante de uma idéia de que numa mesma sociedade pode haver dois tipos de Cultura: a de massa e a de elite. A frase não diz o que é a Cultura. (Seria posse de conhecimento? Ou seria atividade artística?) Entretanto, a frase informa sobre uma oposição entre formas de cultura, dependendo de sua origem e de sua destinação, pois “cultura de massa” tanto pode significar “originada na massa” quanto “destinada à massa”, e o mesmo pode ser dito da “cultura de elite” (originada na elite ou destinada à elite).

Em Bosi (1986, p.63) se pode notar que quando se fala que os teóricos denunciaram a passividade, à “Disfunção narcotizante” (Merton), a homogenização (Morin, Adorno) da cultura de massa, ou, mais drasticamente dito, da indústria cultural, estão supondo uma distinção que nem sempre conseguem aclarar. Distinção entre (a) uma realidade cultural imposta “de cima para baixo” (dos produtores para os consumidores) e (b) uma realidade cultural estruturada a partir de relações internas no coração as sociedade.

A este segundo sistema de idéias, imagens, atitudes, valores é que tradicionalmente se dá o nome de cultura popular.

A definição de cultura popular não é tarefa simples. Depende da escolha de um ponto de vista e, em geral, implica em tomada de posição. Gramsci apud Bosi (1986, p.63-64) formula a questão em termos de estruturas ideológicas da sociedade: ao lado da chamada cultura erudita, transmitida na escola e sancionada pelas instituições, existe a cultura criada *pelo povo*, que articula uma concepção do mundo e da vida em contraposição aos esquemas oficiais. Há nesta última, é verdade, estratos fossilizados, conservadores, e até mesmo retrógrados, que refletem condições de vida passadas, mas também há formas criadoras, progressistas, que contradizem a moral dos estratos dirigentes.

Xidieh citado ainda por Bosi (1986, p. 64), lembra que uma outra característica da cultura popular é a sua *reelaboração* constante. Os temas se refazem, nem tudo é herdado, só no museu o folclore está morto.

Bosi (1986, p. 64-65), a partir do pensamento de Florestan Fernandes, esclarece também a dimensão psicológica do fato folclórico. Sua espontaneidade, seu poder de motivação fazem com que seja constantemente revivido pelos membros de uma comunidade. Não se trata de vestígio, de sobrevivência: ou é atual, ou está em fase de reatualização. Conforme esse ponto de vista, o folclore consiste em uma “educação informal” que se dá ao lado da sistemática: uma educação que orienta e revigora comportamentos, faz participar

de crenças e valores, perpetua um universo simbólico. Se as condições de vida social que garantem sua persistência são ameaçadas, também o folclore entra em crise. Mas ainda assim, pode oferecer amparo cultural e emocional à população que vem da roça e deve integrar-se no meio urbano.

Na cultura popular, novo e arcaico se entrelaçam, tal como se pode observar nesta pesquisa: os elementos mais abstratos do folclore podem persistir através dos tempos e muito além da situação em que se formaram. Assim, na metrópole, suas formas de pensar e sentir continuam organizando sistemas de referência e quadros de percepção do mundo urbano. Gramsci admirava essa capacidade vital que tem a cultura popular de absorver e reelaborar elementos urbanos já afetados pelas novas tecnologias.

Para Bosi (1986, p. 77), “a cultura de massa, diferentemente do folclore, não tem raízes na vivência cotidiana do homem da rua”. Ela produz modas (*rock and roll*, *twist*), mas não é capaz de criar nada que se assemelhe ao jazz do negro norte-americano: jazz que a cultura erudita admira enquanto rejeita aquelas modas massivas.

Para Wallerstein apud Featherstone (1994), cultura é, provavelmente, o mais amplo de todos os conceitos usados nas ciências sociais e históricas. Ela abrange uma vasta gama de conotações, e, com isso, constitui talvez a causa de muitas dificuldades. Dessa forma, pode-se designar cultura sob dois aspectos: primeiro, o conjunto de características que diferenciam um grupo do outro, e, segundo, cultura como um determinado conjunto de fenômenos que são diferentes de um outro, em outras palavras, um conjunto de fenômenos dentro de qualquer outro grupo. A cultura sob o primeiro aspecto, ao que parece, não leva muito longe, nas análises históricas, em função de sua generalidade. A cultura sob o segundo aspecto pode tornar-se suspeita, como camuflagem ideológica para justificar os interesses de algumas pessoas (obviamente, as camadas mais altas), dentro de um determinado grupo ou sistema social, contra os interesses de outras pessoas dentro do mesmo grupo.

De modo geral, afirma-se que as nações possuem uma cultura geral e que as “tribos” e/ou os “grupos étnicos” possuem uma determinada cultura, subculturas ou culturas locais.

Fazendo uma leitura em Hannerz apud Featherstone (1994, p. 251), encontra-se em suas palavras que a cultura mundial é criada através de um aumento cada vez mais intenso do entrelaçamento de culturas locais diversificadas, bem como através do desenvolvimento de culturas sem um apoio nítido em nenhum território específico. Todas elas estão se tornando, por assim dizer, subculturas dentro do conjunto mais amplo; culturas que são, de forma importante, mais bem entendidas dentro do contexto do seu ambiente cultural do que isoladamente.

Para Silva (2000, p. 32-33), cultura tem diferentes conotações e sentidos nas diferentes vertentes da teoria educacional crítica e pós-crítica. Para a perspectiva neomarxista, a cultura é analisada como parte da superestrutura, ou seja, como pertencendo àquelas esferas sociais que se distinguem da base econômica: as instituições jurídicas e políticas, a ideologia, a educação. As diferentes perspectivas neomarxistas distinguem-se pela maior ou menor autonomia atribuída à superestrutura relativamente à base econômica. Na perspectiva de Bordieu, para o mesmo autor citado acima, a cultura, definida por gostos e formas de apreciação estética, é central ao processo de dominação: é a imposição da cultura dominante, como sendo a cultura que faz com que as classes dominadas atribuam sua situação subalterna não à imposição pura e simples, mas à sua suposta deficiência cultural.

Sendo assim, Silva (2000) ainda define cultura popular dizendo que na literatura anglo-saxônica, é sinônimo de cultura de massa. Em geral, entretanto, refere-se às manifestações estéticas e artísticas, bem como aos usos e costumes das classes subordinadas. Nas perspectivas educacionais críticas, a definição da cultura popular como “inferior” é analisada como o resultado de uma operação de poder. Grande parte do esforço pedagógico das

teorias críticas consiste em suprimir esta hierarquização entre as culturas dos diferentes grupos sociais, restabelecendo-se a igualdade antropológica. Cultura visual, nas universidades estadunidenses, designa um campo de estudos ligado aos Estudos Culturais, tendo sido criado com base na idéia de que a natureza predominantemente visual da cultura contemporânea – abrangendo áreas que vão desde a chamada cultura popular (televisão, cinema, fotografia, publicidade etc.) até às artes visuais tradicionais.

Fleuri & Fantin (1998, p. 15-18) propõem identificar neste campo, material e referencial para elaboração de propostas de trabalho pedagógico intelectual. A esse respeito, fazem algumas reflexões: segundo eles a educação intercultural focaliza os problemas de relação, integração e conflito entre etnias e cultura diferentes, emergentes no processo de globalização do mundo contemporâneo. No Brasil, já ocorre situação, por assim dizer, intercultural. O fato de que o encontro/confronto entre culturas diferentes configura as próprias raízes da formação social brasileira e considerando que os processos de integração tenham historicamente acontecido com profundidade, coloca o enfoque intercultural aplicado a esta realidade em um quadro de referência mais geral.

Os agentes governamentais e institucionais, ou não, podem encontrar na dimensão intercultural instrumentos indispensáveis para promover a formação da autoconsciência, e, portanto, de presença e ação em sujeitos que vivem em ambientes marginalizados (rurais e urbanos). E os movimentos populares que exprimem a vitalidade com que as classes populares, (assim como os grupos que as apóiam) enfrentam os profundos problemas estruturais na América Latina, podem amadurecer novos níveis de consciência, focalizando na própria reflexão e na própria prática a dialética identidade/diferença, como o eixo sobre o qual gira a coesão interna e a solidariedade, a capacidade de distinção e de luta, ao lado da possibilidade de integração emancipatória com outros grupos sociais. Portanto, é aí que se pode contribuir para a educação intercultural aliando o conhecimento aos planos de governo.

Pode-se citar três âmbitos de interesses:

- educação intercultural como conhecimento e compreensão dos complexos processos de contato e intercâmbio que produzem no Brasil a partir da base social, entre comunidades nativas e imigrantes, particularmente na região sulbrasileira por ter sido foco de maciça imigração estrangeira nos últimos século e meio, com o objetivo de tematizar, para fins didáticos, essas formas espontâneas de transposição cultural, de promover nos educadores e nos estudantes uma memória histórica;
- a educação intercultural como conhecimento e compreensão das funções que vão assumindo atualmente as elaborações explícitas e intencionais das coletividades étnico-culturais em algumas comunidades da região sulbrasileira, com particular referência à difusão de festas ou sagas locais. O objetivo é de tematizar para fins didáticos essas manifestações rituais e estimular nos professores e alunos uma elaboração crítica das questões ligadas às identidades culturais e às relativas dinâmicas de conflito e de poder, a consciência da mobilidade dos confins entre o “nós”, e o “eles”, a capacidade de ler a experiência e o sentido dos encontros festivos como tempo/espço diferente em que se concretiza a participação simbólica na vida de um grupo de cultura;
- educação intercultural como conhecimento e compreensão das subculturas a que se encontram ligadas crianças e adolescentes que crescem em áreas marginais urbanas e dos processos de produção cultural promovido pelos movimentos sociais ou pelas organizações de base que deles se ocupam. O objetivo é o de apoiar as propostas educativas de emancipação social, reforçando de modo especial as dinâmicas de construção da identidade dos educandos e dos próprios educadores.

Espera-se identificar neste campo rico material e referencial para elaboração de propostas de trabalho pedagógico intercultural, como indicam Fleuri & Fantin (1998, p. 15-18).

Para as comunidades, o apoio dos Governos representa, acima de tudo, respeito. Reconhecer a cultura e as tradições locais possibilitando condições para que ela continue existindo é dever do Estado, além de auxiliar na construção de meios para o crescimento econômico de uma região, atraindo turistas e investimentos, tendo como resultado o desenvolvimento da região e uma maior oferta de emprego; porém, tudo isso só é possível mantendo o respeito e a valorização à cultura popular.

O Espaço Público e a Gestão Municipal da Cultura

Quando se fala em políticas públicas, não se deve esquecer o momento atual: a situação das políticas públicas na conjuntura mundial, nacional, estadual e dos municípios. Os governantes precisam olhar com mais carinho e respeito as pessoas que, de uma forma ou de outra, neles depositaram confiança; a realidade deve ser decifrada e reinventada a cada momento, levando em consideração as características peculiares de cada grupamento e de suas subculturas, além dos interesses mais gerais de cada sociedade.

Como penetrar nesta “cultura do silêncio” e favorecer o despertar de todos os valores e características positivas que foram reprimidos ou esquecidos como elementos da cultura popular?

Azevedo (1997, p. 1) afirma que “os estudos sobre as políticas públicas passaram a chamar mais atenção a partir da década de 80, possibilitando a afirmação de um campo investigativo a respeito dessa temática. O impulso à realização de pesquisas desta natureza ocorria em concomitância com o processo de abertura que terminou por reinstaurar a democracia política no país”.

Logo em seguida, os estudos sobre as políticas públicas passaram a ter por parâmetro o movimento da globalização, no bojo das novas tendências de articulação da produção e dos mercados, bem como dos novos padrões de sociabilidade que passaram a se forjar neste contexto, sem contudo, perder de vista as teorias dos investigadores do passado. Quando a crise econômica do final dos anos 60 desnudou-se e pôs em causa o grau de profundidade da intervenção estatal, ganharam força, sobretudo nos países de capitalismo avançado, a problematização, o debate e a busca do entendimento.

A partir de meados dos anos 80, as questões de intervenção estatal e dos destinos da democracia passaram a ser tematizados em outra direção. As orientações neoliberais foram adotadas por vários governos, com o conseqüente aprofundamento das crises sociais, econômicas e ambientais; as mudanças no mundo da produção em face da maior utilização da microeletrônica e da nanotecnologia; suas repercussões no mundo do trabalho e na tendência à globalização dos mercados, são alguns dos fatores que têm ameaçado as formas de organização sócio-política deste século.

Em “Novo Plano de Governo – Joinville Século 21” (2000, p. 47-50), pode-se encontrar assuntos relacionados à Cultura, tais como:

- **Conselho:** manter o Conselho Municipal de Cultura como órgão norteador da política cultural;
- **Cultura Popular:** desenvolver forte ação nos bairros, com programas de popularização da Cultura nos Centreventos das escolas, nas sedes das associações de moradores, das sociedades esportivas e recreativas, dos centros comunitários e demais locais de integração comunitária;
- **Escola do Teatro Bolshoi:** mantê-la na condição de instituição de excelência, de nível internacional, para a formação de notáveis artistas e para a criação, dentro de 10 anos, de uma Companhia de Dança com a qualidade Bolshoi;

- **Grandes Eventos:** prosseguir na política de realização de grandes eventos culturais, com o intuito de promover a Cidade na mídia nacional e internacional, garantindo significativo incremento na área de serviços, emprego e renda;
Palco itinerante: para descentralizar os eventos culturais;
- **Conscientização Cultural:** criar e desenvolver um Programa Municipal de Conscientização Cultural e Patrimonial;
- **Cultura nos Bairros:** promover programas culturais nos Centreventos Comunitários e na rede municipal de ensino;
- **Teatro:** construção da Sala Juarez Machado, com platéia para cerca de 500 pessoas, para apresentações teatrais, concertos, conferências e demais espetáculos intimistas. Servirá também para auditório do Centro de Convenções;
- **Festival de Coros:** criação do Festival Internacional de Coros;
- **Intercâmbios:** promover Intercâmbios Internacionais na Área da Cultura;
- **Liceu de Liuteria:** criação em conjunto com a Fundamas, do liceu de Liuteria, visando a formação de mestres de fabricação de instrumentos de cordas, com o surgimento de uma atividade micro-empresarial, de caráter pessoal, familiar. Além de ensinar uma profissão, gerar emprego e renda contribui para o aprimoramento da cultura local.

Ainda podemos falar dos principais eventos realizados todos os anos na cidade:

- **Semana de Joinville:** ocorre na semana do dia 09 de março, com festejos comemorativos ao aniversário de fundação da cidade, ocorrida neste dia em 1851;
- **Fenatiro:** Festa Nacional de Atiradores, realizada no mês de maio, a Fenatiro foi criada para reavivar uma tradição trazida ao Brasil pelos imigrantes europeus, inicialmente com objetivo de defesa e sobrevivência;

- **Festa da Solidariedade:** acontece no mês de junho na Expoville, é um evento filantrópico que visa a captação de recursos para obras assistenciais. Tem como atrativo a venda de artesanato e comidas variadas;
- **Expoinverno:** acontece no mês de julho na Expoville, é uma feira diversificada, desde a indústria têxtil ao artesanato, reunindo produtos de vários estados brasileiros;
- **Festival de Dança:** realizado no mês de julho, criado em 1983, o Festival de Dança de Joinville teve início com a participação de 35 grupos de dança, visando o aprimoramento e intercâmbio de informações sobre a arte da dança. Hoje recebe grupos de todo o país e do exterior, constituindo-se no maior evento do gênero da América Latina;
- **Feira Têxtil:** realizada no mês de setembro, apresenta produtos têxteis provenientes de indústrias de Joinville e região. É realizada no Parque de Exposição da Expoville;
- **Fenachopp:** realizada no mês de outubro, a Festa Nacional e Internacional da cerveja, é uma festa típica germânica, lembrando as bавárias da Alemanha, comuns no Brasil, nas regiões em que predominam a imigração alemã;
- **Festa das Flores:** realizada desde 1936, durante duas semanas de novembro, tem como atrativo principal a exposição de orquídeas e plantas ornamentais dispostas artisticamente num projeto paisagístico especialmente elaborado.

Joinville possui também grupos folclóricos, que se apresentam nas festividades relacionadas, e em outras datas.

No decorrer da pesquisa, foi verificado que as iniciativas do poder público, no que diz respeito à cultura popular, se detém aos espetáculos vinculados à cultura erudita e à

cultura de massas. Apesar do projeto de governo se apresentar como bastante completo, na prática, após seis meses de contato com a comunidade, pode-se perceber que não ocorre desta maneira, quando muito com um apoio apenas formal as atividades nos bairros...

Em seguida será feita a descrição da situação geográfica da região onde foi desenvolvida a pesquisa, com a finalidade de mostrar sua similaridade com os países de origem dos emigrantes. Essa similaridade das características geográficas propicia a preservação da cultura popular, tal como se apresentava no seu país de origem.

Figura 3 – Bairro onde a Pesquisa se Desenvolveu



Fonte: Próprio autor, 2002.

Aspectos da História de Joinville e do Bairro de Vila Nova

Böbel & Thiago (2001), contam a história de Joinville que pode ser assim resumida. Após 150 anos de fundação, Joinville é hoje uma cidade moderna com mais de 500 mil habitantes, mas nem sempre foi assim. Tudo começou em 30 de novembro de 1850, quando 76 pessoas iniciaram a fascinante e temerária aventura da emigração.

Sobrevivência para a maioria ou simples aventura, fuga política ou amorosa para alguns, o fato é que naquele momento as circunstâncias uniam pessoas que estavam dispostas

a entregar suas vidas aos desígnios dos ventos, do tempo, da tecnologia existente, de Deus. Enfim, estavam, como se diz, “todos no mesmo barco”, em busca do espaço que lhes era negado em sua terra. O destino estava na barca Colón, Colombo em espanhol. Já em sua primeira viagem, sugere a saga corajosa do pioneirismo. Assim como o Descobridor das Américas, os passageiros que inauguraram a Colón chegariam igualmente em uma terra da América, cerca de três séculos depois. Foram os pioneiros da colonização germânica da Colônia Dona Francisca, iniciativa da “Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo”.

Em Cuxhaven na Alemanha, uma calmaria aumentou a angústia e a expectativa da partida, que se estendeu até os primeiros dias de janeiro (entre os dias 4 e 8), quando o navio finalmente deixou o porto. Ocorre que a Colón, como todos os barcos que se dirigiam à Colônia Dona Francisca, era movida a vela, embora os navios a vapor estivessem em pleno uso nas viagens que conduziam emigrantes para os Estados Unidos.

Citando outro fato análogo aos tempos dos grandes descobrimentos, a mesma “zona de calmarias”, ao norte do Equador que teria retido a frota de Cabral, igualmente interrompeu o curso por três semanas da barca Colón em pleno Atlântico, unindo tragédia e beleza. As doenças provenientes da falta d’água, as tensões que acompanhavam as situações de promiscuidade, o espectro da morte que rondava os passageiros doentes, misturavam-se com a beleza do cenário de céu e mar. Em meio a festejada promessa de futuro, a Colón abrigava, igualmente, lamentáveis finais. Sete pessoas morreram a bordo. Para estes, o mar acabou ocupando o lugar da terra no novo mundo.

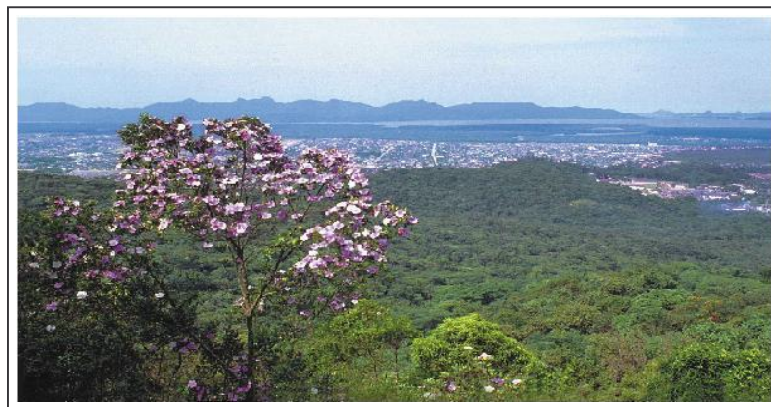
Trazendo em seu bojo uma história, a Colón finalmente ancorou nas proximidades da Ilha da Paz, quase na entrada norte da Baía Babitonga em São Francisco do Sul, seguindo até a Ilha do Mel, na mesma baía. Era 5 de março de 1851 quando aquela gente esperançosa e assustada dava início à sua aventura no Brasil. Essa aventura começa a materializar-se em terra quando, após a travessia da Lagoa Saguacú nas canoas do influente Coronel

Camacho, de São Francisco, pisaram o solo da planejada Colônia. Naquele momento histórico concebiam Joinville. A saga desses pioneiros, verdadeira gestação, deu à luz uma cidade de nome francês e colonização germânica, em solo brasileiro.

O desembarque deu-se entre os dias 6 e 10 de março; o dia 9 foi considerado como o dia oficial da fundação da Colônia e coincide com o dia de Santa Francisca Romana. Esta data passou quase despercebida em seus festejos por alguns anos, pois o Governo Imperial considerava oficialmente o dia 10 de março como o dia do início da colonização de Dona Francisca e assim manifestava em todos os seus relatórios sobre a Colônia.

Onde está Joinville? Qual é o seu Aspecto físico? Segundo Dados Básicos de Joinville (IPPUJ, 1996, p. 7-15), Joinville é o município pólo da micro-região nordeste do Estado de Santa Catarina¹ e sua influência alcança uma série de outros municípios desta e de outras regiões próximas, não só economicamente, como culturalmente.

Figura 4 – Localização da Cidade de Joinville



Fonte: IPVG, 2001/2002.

¹ As coordenadas geográficas de Joinville são Latitude Sul – 26° 18' 05" e Longitude WGR – 48° 50' 38". Seus limites são Garuva, Campo Alegre ao Norte; Araquari, Guaramirim, Schoereder ao Sul; Jaraguá do Sul, Campo Alegre e Schoereder a Oeste; São Francisco do Sul a Leste. Sua área abrange 1.183 km². A temperatura média anual é de 22° C, sendo a média das máximas 25,9° C e a média das mínimas 18° C. No verão a temperatura média (dezembro a março) é de 26,3° C, sendo a média máxima de 30,2° C e a média das mínimas 22,4° C. No inverno (junho a agosto), a temperatura média é de 17,9° C, com média das máximas em 22,0° C e das mínimas em 13,8° C. O índice de Precipitação anual é de cerca de 1908,9 mm, com média mensal de 159,4 mm, sendo o mês de junho o que apresenta a menor média, com 88,8 mm. A umidade relativa do ar é alta variando em média 85%. Pode-se destacar que, em geral, no mês de janeiro a umidade do ar é a mais alta e no mês de abril é a mais baixa do ano.

Seu relevo se desenvolve sobre terrenos da Serra do Mar, e uma área de sedimentação costeira. A parte oeste do território do Município estende-se até os contrafortes da Serra do Mar, com escarpas desde o Estado do Rio de Janeiro, marginadas em sentido leste, por planícies. Entre as serras do município destacam-se as do Quiriri, Rio Bonito, Rio do Júlio, do Salto, Volta Grande e Serra Queimada, atingindo, neste último ponto, 1.335 metros de altitude; na parte leste corre uma região de planícies, resultado de processos sedimentares nas partes mais interioranas e marinhas na linha costeira onde ocorrem os mangues. Justamente nesta unidade se desenvolve a ocupação humana (área agricultável e urbana), com altitude que varia de 0 a 20 metros; inseridas na região da planície ocorrem morros isolados, constituídos de formas de relevo arredondadas, conhecida como “Mar de Morros”; o morro Boa Vista é o mais alto com 220 metros.

A região apresenta um clima quente e úmido e sem estação seca. A vegetação da região de Joinville pode ser classificada, de uma forma geral, como parte integrante do domínio da Floresta Atlântica. Este tipo de vegetação que assume tipologias diferenciadas, de acordo com as características climáticas da região, o que cobria originalmente quase totalidade da extensão do município.

A hidrografia de Joinville apresenta seu sistema organizado predominantemente na vertente Atlântica da Serra do Mar, cujos rios se caracterizam por pequena extensão e grande vazão. A formação geomorfológica da região, associada às condições climáticas e cobertura vegetal, proporciona ao município um bom potencial no que se refere aos recursos hídricos. O Sistema hidrográfico do município é formado por quatro bacias: a do Rio Itapocu; a do Rio Cubatão; a do Rio Cachoeira; e a Independente, da Região Leste.

Aqui cabe ressaltar que a descrição geográfica do local escolhido é muito importante por ter características semelhantes ao local de origem dos colonizadores, o que possibilitou que a cultura popular pudesse se desenvolver interferindo nas festividades ali realizadas.

A área geográfica que compõe o município de Joinville integra parte das terras que constituíam o dote de Dona Francisca, filha de D. Pedro I, que foram vendidas por seu esposo, o Príncipe de Joinville, à Companhia de Colonização Hamburguesa. Esse território pertencia ao município de São Francisco do Sul. Em 09 de março de 1851, efetivou-se a Fundação da Colônia Dona Francisca, com a chegada da barca Colón, trazendo os primeiros imigrantes: alemães, suíços e noruegueses. Em 1852, a Colônia passa a denominar-se Joinville, em homenagem ao Príncipe. A emancipação do município ocorreu em 03 de maio de 1877. No contrato de venda constavam cláusulas que asseguravam aos colonos a presença de alguns comércios, médicos, professores, financiamento para compra de lotes, utensílios domésticos e equipamentos para lavrar a terra. Além disso, havia o compromisso por parte da Companhia Colonizadora de construir escolas, igrejas, hospitais e principalmente abrir estradas e caminhos para facilitar a comunicação entre os colonos.

A estrada Dona Francisca, existente ainda hoje, é consequência desse acordo, representando já na época, grande importância como rota do comércio da erva mate, cultura predominante no período de colonização no planalto, onde estão hoje as cidades de São Bento do Sul, Campo Alegre e Rio Negrinho.

Por influência dos príncipes que venderam as terras, a nova colônia recebeu alguns privilégios por parte do governo imperial, destacando-se:

- estabelecimento de uma alfândega às margens do Rio São Francisco, até então inexistente na Província de Santa Catarina e que junto com as estradas revela a visão comercial dos colonizadores;
- proteção aos colonos de livres instituições municipais, liberdade na escolha de árbitros e na administração de seus estabelecimentos, o que lhe proporcionou a constituição autônomas, assentadas com base em conselhos comunais internamente democráticos, porém praticamente fechados ao resto do País;

- autorização ao Diretor da Colônia para “proibir o emprego de escravos” nas terras de suas Altezas Reais e para vedar ou restringir a venda de bebidas alcoólicas.

A História de Joinville tem ligação direta com a história de sua indústria, devido à influência do emigrante, portador de conhecimentos técnicos trazidos de uma sociedade industrial de forte ideologia capitalista.

A partir de 1930, a decadência da comercialização da erva-mate e a prosperidade do comércio da madeira proporciona desdobramentos importantes para a economia de Joinville, de acordo com Corrêa & Rosa (1992).

Em 1932 é criada a indústria de Máquinas Raiman, logo após, a Keller e Cia. Em 1937, o cadastro industrial registra notável diversificação da indústria: 10 marcenarias, 10 olarias, 03 indústrias de beneficiamento de madeira, entre outras ligadas à construção civil no ciclo madeireiro. Além dessas, existiam ainda fábricas de carretéis, cigarros, curtumes, funilarias, ferrarias e algumas indústrias de maior porte, que envolviam maior elaboração tecnológica: 04 malharias, 02 indústrias de tecidos, 02 fundições e 01 metalúrgica.

Em 1940, Joinville já era o maior centro industrial do Estado, contando com a Cia. Hansen, Buschle & Lepper, Malharia Arp e Laboratório Catarinense; em 1950 surgia a Consul.

A partir desta época, a comunidade tradicional até então fechada, passa por uma gradativa mudança em sua estrutura com a evolução do fluxo migratório que alcança seu ápice na década de 70, resultando na proliferação das pequenas e médias empresas e, em consequência, aumentando os outros tipos de empresas que compõem o sistema econômico local. Assim, o Município conta hoje com: 1.604 indústrias, 8.952 comércios, 9.905 serviços, 11.125 profissionais autônomos e 909 profissionais liberais.

A crise econômica do país, deflagrada na década de 80, reflete-se na estrutura social até os dias atuais. Crescem em Joinville os problemas sociais causados pelo aumento da

população periférica que vive em precárias condições, constituída pelo contingente de imigrantes que buscam melhores condições de vida nas cidades industriais, nas quais acreditam serem maiores as oportunidades de emprego. Conseqüentemente, cresce também o panorama da economia informal na figura dos vendedores ambulantes.

Todas essas constatações mostram hoje uma cidade com todos os problemas típicos de centros urbanos que apresentam altas taxas de crescimento, onde não há infra-estrutura para atender as necessidades da população.

Bairro Vila Nova: uma caracterização inicial

Conforme Corrêa & Rosa, (1992, p. 179-181), o bairro Vila Nova foi legalmente criado pela Lei número 1.553/77, datada de 10 de novembro de 1977, quando era prefeito de Joinville o Dr. Violantino Afonso Rodrigues e teve alterada sua descrição através da Lei número 2.376/90 de 12 de janeiro de 1990, passando seu perímetro a ter a seguinte delimitação atual². Foi nessa região que se fixaram os emigrantes que deram início à zona rural do município. Com uma vida bastante difícil, estas pessoas se dedicaram à criação de animais, uma agricultura de subsistência e às atividades que viriam suprir as necessidades da recém nascida vila, tais como ferreiro, pedreiro, oleiro, donos de engenho etc.

² “Inicia na foz do Rio Motucas com o Rio Águas Vermelhas; a partir deste ponto segue na direção Sudeste-Noroeste, pela margem esquerda do Rio Motucas até um ponto distante 1000 m (mil metros) do eixo da Rua XV de Novembro, deste ponto faz ângulo à esquerda e segue a margem da Rua XV de Novembro, distante 1000 m (mil metros) ao longo do eixo da mesma, seguindo em frente até o entroncamento da Estrada Blumenau com a Estrada Comprida, segue deste ponto na direção Sul-Norte em linha reta paralela a Rua Anaburgo distante do eixo desta 300 m (trezentos metros) até o prolongamento da Rua dos Portugueses. Deste ponto segue na direção Oeste-Leste até entroncamento da Rua dos Portugueses, e por esta até um ponto equidistante 180 m (cento e oitenta metros) da BR-101. Deste ponto segue na direção Norte-Sul uma linha reta paralela a BR-101 em 180 m (cento e oitenta metros) até a Rua Miguel Ângelo e prolongamento até o Rio Águas Vermelhas. Segue o Rio Águas Vermelhas até a foz do Rio Motucas, ponto de origem” (Corrêa & Rosa, 1992, p. 179).

Figura 5 – Bairro Vila Nova – Paisagem Rural



Fonte: Próprio autor, 2002.

A atual Rua XV de Novembro, situada no Bairro Vila Nova, no início da colonização recebeu a denominação de Estrada do Sul e há pouco tempo é conhecida pelo atual nome. Existem controvérsias a respeito da origem do nome do bairro. Segundo Norma Baumer a “localidade era conhecida por Neudorf (Vila Nova), mas por volta de 1940 passou a denominar-se Vila Nova, talvez em função da proibição de se falar alemão durante a guerra”. Com efeito, lemos em Ficker (apud Corrêa & Rosa., 1992, p. 247): “Nesse mesmo mês (fevereiro de 1866), fundou-se o novo núcleo colonial no final da Estrada Blumenau... – Neudorf”.

Outros afirmam que na década de 40 houve a necessidade de transferência da Escola e da Igreja de Anaburgo para o bairro e, por este motivo, veio a denominar-se Vila Nova.

Em 18 de dezembro de 1997, a Lei Complementar nº. 54 redefine o perímetro dos bairros de Joinville, inclusive o de Vila Nova e cria novos bairros como o Comasa e Cubatão.

Naquela época a comunidade era composta, em sua maior parte, por protestantes e católicos. A escola mais freqüentada pelas crianças da região, nas décadas de 30/40 era a escola situada na Estrada Anaburgo, na qual aprendiam inicialmente o alemão e que se estendia somente até a 3ª série do primário. Para as séries posteriores tinham que se deslocar à cidade ou a outros bairros.

Até a década de 70, as ruas não eram calçadas e tampouco existia água encanada. A água que utilizavam era proveniente de poços. A população foi paulatinamente beneficiada pelas melhorias que ocorreram, há mais, ou menos 25 anos. O bairro passou a receber energia elétrica a partir da década de 30, mas poucas famílias dela se utilizavam. O transporte coletivo urbano somente passou a beneficiar o bairro por volta de 1970, fato que facilitou a vida de seus moradores que, em sua maioria, fazia o trajeto até o centro a pé ou de bicicleta. “Na colônia, as mulheres faziam crochê durante a semana e nos finais de semana se reuniam para a troca de “pontos” de trabalhos em crochê. As pessoas também se reuniam em bailes, casamentos e associações em mutirão para a construção de estradas, pontes e igrejas” (Corrêa & Rosa., 1992, p. 182).

Os finais de semana eram iguais aos demais dias da semana, com raras exceções daqueles em que se realizavam bailes, tão apreciados. Com pouco lazer, as idas à cidade tinham caráter comercial, mas constituíam também um passeio.

Segundo os dados apurados pelo Censo Demográfico, o bairro Vila Nova contava com 8.883 habitantes em (1991). Passados 10 anos, tem-se uma população de mais 15.682 habitantes (IBGE, 2000).

Figura 6 – Construções Típicas – Casa Enxamel



Fonte: Próprio autor, 2002.

As características iniciais do Bairro Vila Nova ainda são notadas através de suas arquitetura típica (casa enxaimel), da agricultura, principalmente a do arroz, do comércio, bem mais desenvolvido e moderno. Observa-se, também, indústrias que se instalaram na região.

Atividades Rítmicas: Características e Desmembramentos

Toda e qualquer atividade que contenha ritmo é considerada como sendo atividade rítmica. Para se entender melhor o que é ritmo, nada melhor do que observar as análises e definições de alguns autores, entre eles Kephart (1986, p. 145-6), segundo o qual a unidade de extensão na escala temporal é fornecida pelo ritmo. O ritmo envolve a idéia de igualdade entre os intervalos de tempo; um ritmo constante é uma série de intervalo de tempos iguais. Quando estes intervalos são iguais, podem tornar-se unidades na escala do tempo, exatamente como os pés e as polegadas que, devido à sua igualdade, tornam-se unidade na escala espacial. O pré-requisito principal é a consistência de uma unidade para outra; esta consistência é fornecida pelo ritmo. A principal preocupação tem sido ampliar o seu uso na música, na dança, brincadeiras, e em atividades semelhantes. Raramente ele tem sido usado como um elemento básico do desenvolvimento da percepção da dimensão temporal.

Menezes & Nunes (1954, p. 10-2) afirmam que existe ritmo em quase tudo o que fazemos. Quanto mais senso de ritmo tivermos, mais agilidade haverá em nossos atos. É preciso ritmo para fazermos qualquer coisa. Combinando sons com ritmo podemos nos divertir muito; é fácil produzir sons. O ritmo é quase inseparável das coisas do cotidiano, especialmente nas comunidades mais vinculadas à cultura popular, como é o caso desta que foi pesquisada. E quando combinamos sons e ritmos, criamos música. Para a música, é necessário o som, e não pode haver música sem ritmo.

Os indícios históricos têm mostrado que o ser humano sempre gostou de música. A música é identificada de maneiras diversificadas nas diferentes culturas. Muito antes de

ter construído os sistemas de leitura e escrita, o ser humano costumava bater com os pés no chão, enquanto dava voltas ao círculo. Ao dançarem, algumas culturas marcavam o compasso com o choque de dois pedaços de pau.

Ritmo é o elemento interno da dança, a dança não existe sem o ritmo. Para Laban (1978, p. 197), “os ritmos produzidos pelos movimentos corporais são marcados por uma divisão de fluxo do movimento em partes, em que cada uma delas tem uma duração de tempo definida”.

Segundo Marcondes apud Matos (1994, p. 26), “o ritmo musical expresso em toda a sua dimensão e complexidade, é o elemento mais significativo de qualquer obra musical, visto que através dele a vida pulsa na obra”. Já de acordo com Barros & Barros (1969, p. 96), “o ritmo corresponde a uma tendência inata da criança, que desde a mais tenra idade participa dos ritmos naturais, como o do tic-tac do relógio, do galope do cavalo, do bater dos sinos, etc”, temas diferentes em cada cultura, mas que demonstram a existência de ritmo.

Segundo discutimos anteriormente o ritmo não está desvinculado da música, pois música é a arte de exprimir o estado de espírito momentâneo através do som.

As questões relacionadas às atividades rítmicas estão presentes em todas as culturas populares conhecidas e constituem parte essencial das identidades comunitárias e individuais. Devem, portanto, ser melhor identificadas e reconhecidas em sua importância tanto na prática pedagógica dos educadores, como nas políticas públicas que pretendam promover a cidadania dos sujeitos em questão.

Para Cavalcante: (2001:70-74),

A música não é uma dádiva da inteligência humana, um fenômeno artístico e cultural com, no máximo, 52 000 anos” (data provável dos mais antigos instrumentos musicais encontrados recentemente na Eslovênia – flautas feitas de ossos perfurados). Se depender dos biomusicólogos, a história da música pode retroceder até pelo menos 60 milhões de anos, quando as primeiras baleias apareceram nos oceanos. Não é exagero dizer que esses mamíferos também criam o que chamamos de música.

Numa época em que música é um conceito tão amplo que pode englobar desde sinfonias dodecafônicas até pagodes de fundo de quintal, ninguém tem dúvida de que defini-la

com precisão é tarefa das mais difíceis. “Mesmo assim, há uma diferença entre um som aleatório e o que chamamos de música”, diz José Miguel Wisnik (apud Cavalcante, 2001, p.73), pianista, compositor e professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. Ele ainda explica que enquanto o som é o resultado físico da vibração dos corpos se propagando no ar, a música é o entrelaçamento intencional dessas ondas sonoras em determinados intervalos, produzindo ritmo, harmonia. Essa é a diferença entre o barulho de um copo se estilhaçando e o de uma sonata de Brahms. Mesmo quando os músicos de vanguarda incluem ruídos em seus trabalhos, desafiando os cânones musicais, há sempre uma estrutura intencional que une esses sons na busca de um sentido, uma espécie de ordem da qual nem mesmo um conjunto punk escapa.

As pesquisas com as baleias e com outros animais têm levado os cientistas a acreditar que a inclinação humana para a música pode ter mais a ver com uma programação biológica do que com os padrões culturais exclusivos da nossa espécie. Como a música é um fenômeno encontrado em todas as comunidades ou grupos humanos, os cientistas já desconfiavam de que deveria existir uma base biológica para a sua criação e apreciação, mesmo antes de descobrir que não somos os únicos seres³ abençoados com esse dom. Muito antes de entrar numa sala de cinema, bebês de seis à nove meses de idade já reagem de maneira diferente quando ouvem diferentes tipos de música. Bebês tendem a permanecer mais calmos quando ouvem uma melodia serena. E, dependendo da aceleração do ritmo da canção, ficam mais alertas. Há algum tempo sabemos que a mudança na frequência de ritmo de uma música pode estimular certos comportamentos e ajudar na recuperação de doentes.

³ Assim como a música humana, algumas pesquisas têm indicado que o canto das baleias tem rima e refrão. Foi essa ordem que surpreendeu os pesquisadores quando escutaram os sons emitidos pelas baleias no fundo dos oceanos. Algumas delas produziam seqüências musicais claras que demonstravam intencionalidade. Primeiro, à guisa de abertura, o tema inicial. Em seguida, fica mais elaborado. Depois se transforma em outro. Por fim, a cantata retorna ao tema inicial. E, então o mais inesperado: a música das baleias corcundas também tem refrão e rima, artifícios sonoros que facilitam a memorização de certos trechos musicais.

Os seres humanos tendem a usar o tempo desses andamentos na composição de músicas. Não é à toa que às peças musicais usam terminologia do andar e da sua velocidade: andante é o caminhar normal; o largo é o andar em passos lentos; alegre e vivace correspondem àquela hora em que você está quase correndo. Além dos ritmos musculares, há também os ritmos cerebrais. O mais famoso deles é o ritmo alfa, que opera em torno de 8 a 13 pulsos por segundo, uma frequência que corresponde ao estado intermediário entre a vigília e o sono. É uma espécie de base para afinação dos ritmos humanos. “Quando árvores em séries na beira da estrada, por exemplo, entram nessa frequência em sincronia com a velocidade do carro, criam uma interferência que pode causar torpor e levar a um acidente” (Cavalcante, 2001, p. 73).

Além da influência do ritmo, segundo pesquisadores do assunto, os bebês nascem com preferências musicais definidas. Eles sorriem quando escutam certos grupos de notas musicais, como as quartas e quintas perfeitas (seqüências de notas como o Dó e o Fá e como o Dó e o Sol). Em compensação, odeiam os acordes dissonantes como o trítono, formado pelo toque simultâneo de um Dó e um Fá sustenido, por exemplo – um som tão instável que, na Idade Média era conhecido como “a música do demônio”. Ainda não se sabe onde está, no cérebro, a origem desse julgamento que vem instalado de fábrica. Apesar do hemisfério direito do cérebro ter sido considerado inicialmente como o “hemisfério musical”, pesquisadores como o americano Mark Jude Tramo, do Departamento de Neurologia da Escola de Medicina de Harvard, defendem que nossa percepção musical é fruto da interseção dos neurônios de ambos os hemisférios. “Não existe um centro musical no cérebro”, diz Tramo. “As mesmas regiões responsáveis por outras formas de cognição são também usadas para a percepção da música”.

Talvez seja por isso que a habilidade para a música é considerada por muitos pedagogos – entre eles o norte-americano Howard Gardner apud Cavalcante (2001 p. 74) autor

do livro *Inteligências Múltiplas* – como uma forma de inteligência tão importante para nós quanto a habilidade lógico-matemática ou lingüística. E essa inteligência auxiliaria, inclusive, outros tipos de raciocínio. Há alguns anos, por exemplo, os cientistas debatem o chamado “Efeito Mozart”. Trata-se de uma prova de que crianças ficam mais “espertas” para cálculos depois de escutar a *Sonata para Dois Pianos em Ré Maior*, do compositor austríaco. O poder da música para a concentração e para a manipulação das emoções humanas não está apenas despertando o interesse dos músicos e dos estudiosos da música. “*Psicólogos, produtores de filme e, claro, políticos, também estão se interessando por esses novos campos*”, diz Tramo apud Cavalcante (2001, p. 74).

Existem pesquisas que identificam o gênero musical mais eficiente para que o cliente não desligue o telefone enquanto ouve a infernal mensagem de espera: “A sua ligação é muito importante para nós...” Na Universidade de Cincinnati, Estados Unidos, um estudo concluiu que a maioria das pessoas prefere ouvir jazz e música clássica ao esperar o atendimento – esses gêneros fariam com que eles sentissem o tempo passar mais rápido. Já o rock foi um desastre para preservar os clientes. Curiosamente, ele parecia aumentar o tempo esperado, minando a paciência de quem aguardava na linha.

Nesse mesmo filão, o pesquisador Donald Fucci apud Cavalcante (2001, p. 74), da Universidade de Ohio, sugeriu que os mais velhos não se sentem atraídos pelo rock por uma questão fisiológica, e não por um conflito de gerações. Fucci explica que a perda da audição com o passar dos anos acompanhada de uma percepção distorcida de alguns sons: entre eles, o do contra-baixo e o da bateria, base do rock. A biomusicologia vem revelando o que boa parte das pessoas já desconfiavam: Somos todos seres musicais e a biologia é mais responsável por isso do que imaginávamos. O músico John Cage apud Cavalcante, (2001, p. 74), já tinha antecipado essas descobertas depois de realizar uma das mais simples e importantes experiências com os sons. Isolado de todo ruído externo, Cage comprovou que escutamos, no mínimo, o grave da nossa pulsação e o agudo do nosso sistema nervoso. Até a vida, livre de ruídos externos, tem o seu ritmo e a sua própria música.

Em Becker (1989, p.09), “A música é, entre as formas de expressão humana, a mais completa”. Nela e através dela o ser humano, independente de idade, coloca todas as suas emoções, sensações e percepções em relação a si mesmo e ao mundo. É, porém, na infância que a exploração dos sons das mais variadas naturezas assume relevante presença e importância.

A criança aprende a conhecer o mundo – natural e das coisas – investigando-o, especialmente pelo tipo de reação que apresenta ao ser tocado ou provocado, transformado. Dentre essas reações, o movimento e o som fascinam a criança pelas alternativas de intervenção que oferecem. E a música é som e movimento; em síntese, harmonia e ritmo.

A música, como arte de combinar os sons de modo agradável ao ouvido, é tão antiga quanto a humanidade. É bem provável que o homem tenha cantado antes mesmo de falar.

O homem primitivo, ainda antes de falar, emitia sons guturais que lhe permitiam estabelecer contatos com o semelhante. Eram sons espontâneos, emitidos sem a preocupação de enquadrá-los em padrões de estética e harmonia. Os primitivos conheciam os ruídos e os sons da natureza: a chuva, o vento, o trovão, o canto dos pássaros, as vozes dos animais; distinguiam seus próprios gritos.

De forma rudimentar, foram construídos os primeiros instrumentos musicais, como:

- o tambor de peles;
- xilofones com pedaços de ossos e pedras;
- flautas de ossos de animais (instrumentos ainda hoje utilizados por tribos indígenas e por grupos folclóricos).

A dança e o canto constituíram-se, desde os primórdios, em formas de os povos expressarem suas preocupações com a fertilidade, a subsistência e os fenômenos da natureza. Ritmos e sons, desordenados a princípio, foram aos poucos se agrupando de forma harmoniosa. A música e a dança exercem sempre, invariavelmente associadas, importante função religiosa.

Na formação colonial brasileira, padres e colonizadores acreditavam que o canto canalizava a energia dos escravos, contribuindo assim para manter sob controle a exploração dos instintos e para garantir vigilância. Nas sociedades modernas, música e dança fazem parte da organização social, incluídas nas atividades de lazer.

A Música Popular Brasileira tem suas origens na tradição indígena, africana e portuguesa. Os grupos humanos pobres, na impossibilidade de freqüentar os bailes e reuniões da elite, criaram, com instrumentos simples como latas, pauzinhos e caixinhas, seus próprios ritmos, como o batuque, o samba, etc. Os imigrantes de outros países trouxeram sua danças, seus bailes, seus ritmos e seus cantos, que aqui se transmitiram de geração em geração.

Hoje, a música busca originalidade maior, dentro das grandes possibilidades do patrimônio musical do povo, dando-lhe uma significação característica, vivida na realidade objetiva de nossas coisas e no espírito livre dos grupos diferenciados.

O samba, palavra africana que em Luanda que dizer umbigada, veio das senzalas. É um bailado popular, considerado criação dos cariocas no ano de 1959, onde João Gilberto – cantor, violinista, compositor, co-arranjador – introduziu um tipo de impostação vocal mais relaxada, um tom sutil, onde surgiram novos efeitos instrumentais; é a chamada Bossa Nova. Ela foi aceita e praticada pelos melhores músicos, brasileiros e americanos⁴.

Já o Rock nasceu nos primeiros anos da década de 60, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Envolvendo uma variedade de formas musicais, que vão desde o berro até o som eletrônico; surgiu como grito de revolta de uma nova geração.

Segundo Becker (1989, p. 39) “O ritmo está em tudo que possui fluência, em todos os fenômenos força – cósmica, física ou fisiológica que preside às atividades humanas e se manifesta na natureza”.

⁴ Dentre esses músicos, destacam-se: Antônio Carlos Jobim, Carlinhos Lyra, Edu Lôbo, Elis Regina, Badem Powell, Chico Buarque, Geraldo Vandré e muitos outros. Nessa época, surgiram novos conjuntos vocais e instrumentais de alto nível técnico, como: MPB-4, Zimbo-Trio, Quarteto em CY e outros. Tais músicas marcaram o nascimento de um ritmo mais popular no Brasil que vai, inclusive, caracterizá-lo internacionalmente.

Todo o indivíduo tem seu ritmo próprio, cujas características se refletem em seus gestos e em suas ações. Respirar, andar, falar, mastigar, gesticular são atividades que obedecem a um ritmo individual.

O ritmo é fator de formação e equilíbrio do sistema nervoso. Oportuniza a expressão íntima, a criatividade; facilita a comunicação e se torna, no movimento e na palavra, reflexo da saúde física e mental da criança; possibilita o maior rendimento das energias, estimula e motiva as atividades. Contribui também, para a educação do ouvido, da atenção e da observação, introduz com naturalidade a criança no mundo da escrita e da leitura.

O equilíbrio do sistema nervoso e o aperfeiçoamento do sentido rítmico favorecem o desejo de expressar-se e, ao mesmo tempo, desenvolvem a imaginação criadora. A educação do sentido rítmico só é eficiente se for iniciada na infância, fazendo parte da vida familiar e escolar da criança. Aqui enfatizo mais uma vez, a importância da educação rítmica através de atividades rítmicas, desenvolvidas pelos professores de educação física. A riqueza que elas oferecem à formação do corpo e mente, beneficiando o organismo em geral, solicitando a inteligência, oportunizando as atividades de grupo, com características alegres e motivadoras, atendendo assim, suas necessidades biológicas e psicomotoras. Com a prática dessas atividades, a criança irá distinguir e identificar características dos movimentos naturais básicos transferindo conhecimentos ou situações, chegando à organização de uma maneira lógica de vivências parciais numa aplicação global. O primeiro passo para tomar contato com o mundo é permitir que os sons penetrem na nossa consciência (Becker 1989, p. 39).

Brito apud Becker (1989, p. 42), “Afirma que o som exterioriza o mundo interior, desde que a criança se interesse naturalmente pelos sons, explorando diversos instrumentos e assimilando a linguagem musical como uma forma de expressão a mais, interligada ou até complementada pelo desenho, fala, dramatização, etc”...

A educação musical, de crianças e adolescentes, é, na realidade escolar, marginalizada, distante das demais práticas educativas, tal como as aprendizagens interculturais.

A escola reforça sua herança pedagógica de racionalidade mecânica e seus preconceitos, alheia às necessidades de expressão de emoções e sentimentos, próprios das manifestações da cultura popular.

O escasso número de professores especializados parece constituir obstáculo ao processo de crescimento da dimensão estético-musical infanto-juvenil na escola. Partindo da idéia de que todos somos capazes de ser musicalizados, acreditamos que a força de vontade, a necessidade de apoiar a musicalidade dos alunos nos leva a uma sensibilidade maior, conscientizando – nos de que a criança tem direito a participar de atividades de música como o canto, as atividades rítmicas e de audição, a ter contato com instrumentos sonoros e experiências criadoras, promovendo-se assim o seu desenvolvimento musical.

As crianças são originais nas suas formas de percepção, nas suas experiências de vida. Contudo, o potencial criador depende das oportunidades que têm de expressá-lo. Depende do nosso apoio de educadores conscientes da fundamental ação que a música exerce sobre a personalidade humana.

A Música, A Educação e o Processo de Formação Humana

Para Magalhães Pinto (1997,p.27-29) “A íntima relação expressiva entre música e o gesto é favorecida, em primeiro lugar pelo fato de o ritmo ser elemento inerente a ambos”. O ritmo é vida. Ação coordenativa estrutural construída no espaço e tempo que vive. Essa relação é favorecida, em segundo lugar, pelo fato de ambos – música e gesto – se revelarem linguagens expressivas. A música acentua o aspecto expressivo das linguagens do corpo e vice-versa, mostrando que há uma sensível interação entre elas. Dessa forma, como significativo elemento de expressão e comunicação, a música pode ser considerada como fator sociocultural, integrando o universo discursivo do mundo, incorporando e ou influen-

ciando nos modos de ser e valores dos grupos humanos, nas diversas épocas e lugares. Por outro lado, os tipos de vivências estabelecidas entre os seres humanos e desses com o ambiente, influenciam nos estilos musicais próprios de cada cultura e sociedade. Da mesma forma que entre os diferentes povos, variam as expressões das palavras escritas e orais, de cultura para cultura, também variam os conceitos de música. Apesar disso, a música é uma linguagem universal, com diversos dialetos que mostram o modo de cada cultura tocar, cantar, organizar os sons e definir as notas básicas e seus intervalos. E nessas diversidade de modos de ser a música mostra como cada grupo sociocultural se expressa e como as pessoas se comunicam através dessa linguagem. Muitas vezes observamos que, sob a influência de uma mesma música, pessoas se comunicam, independentemente do idioma, de idade, da cultura, do sexo, das classes sociais, ou das ideologias políticas.

Como fator sócio-político, podemos destacar a ação da música como elemento motivador ou desmotivador. Em outras palavras, a música pode auxiliar o ser humano a criar ou a romper seu isolamento em relação ao encontro consigo mesmo, com seus semelhantes e com o mundo.

No sentido mobilizador, a música favorece a criação de ambientes de emoção e ampliação da liberdade, espaço propício à reflexão e ao diálogo, estimulando a crítica e a criticidade. Os sons musicais trabalhados e a poesia de suas letras possuem sentidos que invocam representações de valores, até mesmo contraditórios.

A imersão nesse “universo simbólico”, continua Magalhães Pinto (1997, p.29), traduz-se em imersão na própria existência, em ritmos perpetuamente criadores e ou recriadores de significados dos gestos humanos.

Da mesma forma que a música pode constituir um espaço de liberdade, crítica e criticidade, espaço esse fundamental para mobilizar relações participativas, pode, também, contribuir para a desmobilização desse espaço. Como elemento de desmobilização, motiva a submissão, instiga a alienação, e objetiva à opressão. Nesse sentido, é usada como instrumento de modismo, de pura comercialização, de supervalorização de culturas estrangeiras.

Também o estudo de músicas folclóricas nos permite compreender outros aspectos da música como fator sociocultural e político. Aqui podemos citar como exemplo, o andamento, a métrica, as estruturas rítmicas e a expressão das músicas folclóricas que surgiram das senzalas, demonstram a situação político-social em que viviam os negros escravos.

O estudo de músicas folclóricas nos permite compreender, ainda, características do meio ambiente em que viviam os povos. Como exemplo podemos destacar as variações de intensidade das músicas folclóricas russas, mescladas com andamentos rápidos e lentos, o quais evidenciam a relação rítmico-musical e os climas geográficos das regiões de onde originam-se tais músicas.

As músicas folclóricas africanas e indianas apresentam outra característica interessante a ser observada, isto é, a intimidade da relação rítmica entre os humanos e os animais, tanto pela forma, como pela duração, acento e andamento dos ritmos de suas músicas. A acentuação torna-se expressão de energia e da atenção do ser humano em relação ao meio em que vive, sendo que cada grupo tem sua própria forma de linguagem rítmico-musical e gestual.

O mundo do trabalho, cada vez mais relacionando a música e o gesto, entende a música como atenuante ou estimulante de ações. O ritmo cadenciado, gritos, cantos e músicas instrumentais são muitas vezes, relacionadas à cadência de movimentos que objetivavam o rendimento da ação laboral (como pode ser observado nos treinamentos militares); ou agem como atenuantes para trabalhos de grandes marcações rítmicas, como o dos remadores das antigas galeras romanas; ou como meio de relaxamento e recuperação da força de trabalho (como acontece em muitas empresas que utilizam música ambiental nos seus diferentes setores).

Enfim, a musicoterapia utiliza a música para estabelecer ou reestabelecer a comunicação entre os sujeitos. Promove uma reeducação rítmica musical que auxilia no conheci-

mento do corpo como linguagem expressiva, no desenvolvimento da percepção sensorial (auditiva, visual e tátil), contribuindo assim para a orientação temporal e espacial.

É, pois a música, elemento indispensável nas ações educacionais que buscam o conhecimento do ser humano, da sua vivência e expressividade enquanto gesto e enquanto corpo que se relaciona com outros corpos e com o mundo e que tem nas festividades, um dos seus momentos mais marcantes, tão como passaremos a descrever a seguir.

CAPÍTULO III

A FESTA E A IDENTIDADE CULTURAL: ASPECTOS RÍTMICOS DA COMUNIDADE VILA NOVA

O fenômeno festivo, mesmo em suas variantes, apresenta uma estrutura comum que pode ser sintetizada e utilizada para as atividades de educação intercultural, como veremos a frente e que se torna parte dos objetivos norteadores desta pesquisa.

A festa é uma instituição sujeita a mudanças, transformações, perdas como qualquer estatuto do viver coletivo. É uma expressão cultural do grupo e como tal não é uma categoria imóvel, supradeterminada pelas estruturas sociais, mas uma instituição profundamente enraizada na vivência de grupo e, por isso, densa de regras e de símbolos. A festa, afinal é uma experiência para todos; uma experiência que faz emergir diferenças, mas também semelhanças e que, sobretudo, se constitui a partir de algumas funções sociais muito importantes, dentre as quais podemos destacar seu papel aspecto socializador. A festa desenvolve uma função de socialização e de agregação muito importante para as novas gerações, pois significa “fazer” junto muitas coisas, como brincar, expressar-se com o corpo, as mãos, o desenho, a música, comer juntos; é, portanto “uma dimensão lúdica carregada de elementos cognitivos” (Giacalone In Fleuri, 1998, p. 135).

Em Cox (1974, p. 25-31), podemos encontrar algumas características de festividades identificadas desde a Idade Média, tais como: “a festividade se caracteriza primordialmente por um surto de excessos e de caos”. Este autor considera-a como uma espécie de “paroxismo social”, na qual os sujeitos mais instintivos e desordenados da vida humana ficam temporariamente soltos para desabafar-se. Ficamos acordados por mais tempo, comemos e bebemos mais e gastamos mais dinheiro do que em dias comuns. Por vezes rimos, outras choramos ou, ainda, fazemos as duas coisas ao mesmo tempo.

A festividade propicia-nos uma breve dispensa das convenções e sem o elemento da infração de normas de comportamento comum, socialmente aprovado, a festividade, talvez, nem festividade seria. Inclui o prazer em seu significado mais profundo e ostenta contrastes, sendo notoriamente diferente da vida de cada dia. Vem muito a propósito que na folhinha, os dias de festa estejam impressos em cores diferentes. Três elementos estão presentes na festividade; o passado, o presente e o futuro. A festividade é, pois, um período de tempo reservado para a expressão plena do sentimento, é um ingrediente essencial da vida humana; sua perda afeta as raízes do homem no passado e rebate o seu avanço para o futuro, entorpecendo sua sensibilidade psíquica e espiritual.

Entre as festividades observadas na comunidade eleita para a pesquisa, está a Bandoneon Fest⁵, realizada com o apoio da Fundação Cultural de Joinville em 19 de maio de 2002 (2º Encontro de Bandonionistas) na Sociedade Palmeiras no Bairro de Vila Nova – Joinville. A Bandoneon Fest, constituindo-se em um encontro dos instrumentistas de Bândonion, como se pode observar na imagem do evento abaixo.

Figura 7 – Bandoneon Fest



Fonte: Próprio autor, 2002.

⁵ A programação completa da festa teve início às 08:30h – Cerimonial de Abertura, com participações de Dorival Trapp, apresentando “Hino de Joinville”, e Vergílio Prochnow, apresentando “Joinville 150 anos”; 09:00h – Apresentações individuais de bandonionistas; 09:50h – Shows: - Gehard Schroeder e Filho, Carla e Ketlin e Conjunto “Edelweiss” de Márcio e Nelson Brosowsky e às 11:00h ocorreram as Apresentações individuais. 12:00h – Almoço com apresentação do Coral “Regenbogen” e trio Germano/ Dani/ Carlos; 13:00h – Apresentação de grupos de outras regiões; 14:30h – Shows: - Irmãos Radoll – Os regionalistas. 15:00h às 22:00h – Dança animada por diversos grupos de bandonionistas. A Gastronomia da Festa foi composta por: - Marreco e frango ao forno, Churrasco e Café com “cuca”.

O Bandônion – instrumento musical criado na Alemanha em 1846 e trazido para o Brasil, mais precisamente para Joinville, pelos primeiros colonizadores alemães. É uma oportunidade que surge para que os amantes do Bandônion possam se manifestar publicamente e, ao mesmo tempo, recordar e resgatar elementos desta cultura, até então, muito difundida no período da imigração e colonização germânica, e atualmente um tanto esquecida. Trata-se de uma iniciativa particular, com o propósito único de recordar o saudoso e secular Bandônion, porém com decisiva aprovação e apoio da iniciativa pela comunidade local.

Nesse 2º Encontro já se identificou a necessidade de ampliar o evento, tendo em vista a repercussão derivada do 1º Encontro, o que veio comprovar uma demanda e o desejo reprimido dos saudosistas do Bandônion e dos jovens que buscam conhecer manifestações culturais originárias de seus passados.

A programação festiva teve início às 6:30h com alvorada e passeata ao som de Bandônions.

A música executada pelos apaixonados do Bandônion é alegre e contagiante; seu ritmo é estimulante e bem compassado e podem ser entendidas, nessa como em outras ocasiões, como grandes reservatórios de conhecimentos que são transmitidos de geração para geração.

Para muitos, em algum momento da vida, a música serve para perceber realidades ou subculturas completamente novas ou alternativas. Apresenta-nos novas formas de sentir ou de pensar sobre nós mesmos ou o mundo que nos rodeia.

A música tem codificado muitos movimentos da vida humana que praticamente não existiam antes do referencial musical surgir. Embora esses efeitos costumem nos sensibilizar ou inspirar em termos pessoais, músicas marcantes costumam coincidir com eventos sociais ou políticos que acontecem num determinado momento, fazendo soar um acorde especial. A música, com efeito, age como uma deixa auditiva que ativa memórias que são, em algum nível, revividas por meio dos cinco sentidos.

Graças à poderosa capacidade que a música tem de se infiltrar em nosso inconsciente, geralmente estabelecemos conexões extramusicais com eventos que ocorrem ao mesmo tempo em que se ouve determinado fundo musical. Sempre que essas conexões emocionais são feitas, associando música e evento, a canção se transforma em uma deixa que, quando ouvida, devolve-nos emocionalmente àquele contexto.

Mesmo considerando o caráter complexo, amplo e universal que tem a cultura, a expressão da identidade cultural é de fundamental importância para o processo educativo, mais ainda num período como o nosso, em tempos que vivemos a globalização das informações, assim como da cultura de massas.

As festas, portanto, merecem ser estudadas com um aprofundamento mais aprimorado, pois a partir delas, poderemos obter “uma resposta coletiva, ritualizada, fundada em símbolos comuns e compartilhados, instituída diante dos riscos da condição humana”, assim como se expressa Giacalone, In Fleuri (1998, p. 127). Declara Ortiz (1998, p. 160), “só pela música conseguimos ouvir o passado, desfrutar o presente e compor o futuro”.

Analisando esse referencial, pudemos correlacionar com aquilo que foi observado dentre as pessoas que participavam do “Bandoneon Fest”: elas conseguiam ouvir o passado, desfrutar o presente e sonhavam com o futuro, planejando a próxima festa. Aquela música específica tocando naquele momento exato serviu para imprimir indelevelmente aquela experiência. No futuro, essa música servirá para ativar uma lembrança emocional especial, tal como um retrato de família nos leva de volta durante alguns momentos à uma ocasião especial. O episódio será, de certo modo, captado como fotografia auditiva, uma audiografia.

Expressamos nossa identidade pessoal e grupal por meio da música em diferentes fases da vida. As músicas podem ser usadas novamente para evocar lembranças do contexto emocional dessas épocas. A música tem efeitos orientadores muito poderosos. Sempre que uma música fica associada a um momento, evento ou experiência pessoal específicos,

o ouvinte pode associar imagens, emoções ou sentidos muito pessoais a essa peça musical em particular. Mais tarde, por meio da música, a pessoa consegue revivenciar a representação mental e emocional da essência do momento musical específico, se essa audiografia for tirada, terá tendência a agir como uma mneomonização melódica, devolvendo o ouvinte àquele momento emocional que ainda ressoa em nosso núcleo, congelado no tempo audível (ORTIZ, 1998, p. 161-2).

Outra festividade foi observada em 9/06/02 no Bairro em questão. Desta vez, realizada na Comunidade Evangélica Luterana de Vila Nova.

“A festa constitui um tempo sagrado, pois se relaciona a um ato de fundação, seja ele de caráter laico ou religioso” como nos diz Giacalone, In Fleuri (1998, p. 128) e tal evento, ao celebrar a história do grupo, consente a sobrevivência das instituições e a identidade do grupo.

Figura 8 – Igreja Paróquia Bom Jesus



Fonte: Próprio autor, 2002.

A tradição desta festa consta de 148 anos e teve seu marco inicial, numa antiga paróquia da estrada Anaburgo na mesma comunidade de Vila Nova. Com o passar dos anos, mudou-se para o centro do bairro mais precisamente para a Paróquia Bom Jesus.

A programação da festa constou inicialmente com um culto, onde a comunidade juntamente com o pastor, oraram e entoaram músicas sacras, comandados pelo coral da paróquia.

“Os cerimoniais realizados são produzidos e vividos segundo modelos préconstituídos e modalidades representativas que realizam a troca de bens simbólicos do grupo” (Giacalone In Fleuri, 1998, p. 128). Esta festa observada, assim como as demais, é portanto um momento de socialização entre sujeitos reciprocamente reconhecíveis que atuam conforme símbolos compartilhados, que permanecem ao longo do tempo, a partir das formas de tradição.

Após o culto, toda comunidade se reuniu no salão paroquial para uma confraternização social na qual estava incluída gastronomia tal como: marreco assado, churrasco, saladas diversas e como sobremesa cuca de diversos sabores. Os próprios participantes organizam a confraternização. Alguns ajudam na cozinha, outros servem bebidas, e as senhoras e jovens ajudam a confeccionar as saladas e doces. Não havia música neste local, mas os gestos e a sincronia de movimentos estavam presentes em tudo o que faziam.

O encontro das famílias após o culto, a princípio era tímido, mas a medida que o tempo passava, podia-se notar que os sujeitos ficavam mais soltos e a conversa bastante animada. Crianças corriam pelo salão, em brincadeiras de pega-pega, casais de namorados sentavam-se próximos uns dos outros, para trocarem algumas palavras. As senhoras que não estavam ajudando na cozinha, trocavam receitas e conversavam assuntos diversos, enquanto que os homens ficavam próximos ao bar, bebendo e conversando. Após o almoço, lá pelas 15:00h, a conversa ainda era animada e, alguns perguntavam se o café já estava

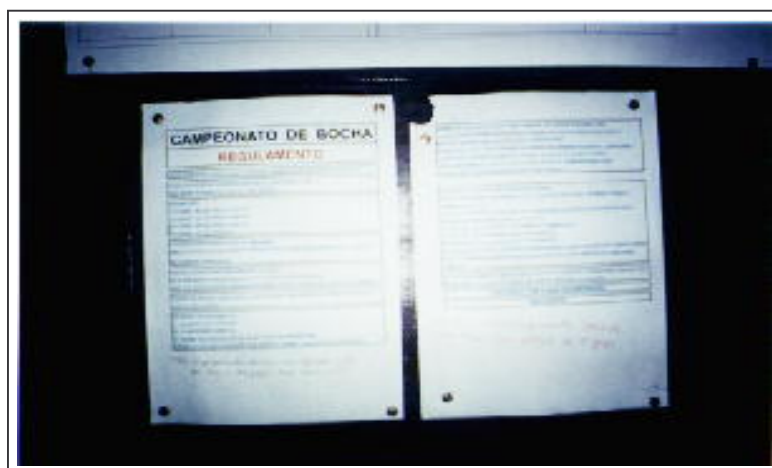
pronto. Com o término do café da tarde, já se podia notar que grande parte das pessoas despediam-se dos amigos e dirigiam-se para a saída. Esta confraternização terminou por volta das 18:00 horas.

A paróquia Bom Jesus oferece à comunidade durante o ano inteiro, aulas de flauta, teclado, todas as sextas-feiras e sábados das 8:00 às 9:00 horas. Conta ainda com grupos de jovens, de terceira idade e grupos infantis, que se reúnem semanalmente para reflexões. Ainda possui grupos de senhoras que todas as semanas se reúnem fazendo trabalhos manuais beneficentes para a comunidade. Possui também um grupo coral que ensaia às quintas-feiras a partir das 19:00 horas.

Em 14/06/02 aconteceu na Petisqueira Piraí de propriedade do Sr. Dagoberto Kabert, um torneio de bocha que teve início às 20:00 horas e sem hora prevista para seu término. A petisqueira possui uma cancha coberta; 10 duplas estavam inscritas. Jogam 2 duplas de cada vez, até ficarem 2 duplas vencedoras para fazerem a final. Alguns participantes se fazem acompanhar pelas respectivas esposas, outros levam filhos, e alguns sozinhos. Enquanto alguns jogam, os outros supervisionam as jogadas, escutam música, (nesta ocasião, mecânica), e de ritmos variados; degustam-se com especiarias preparadas especialmente para a ocasião⁶.

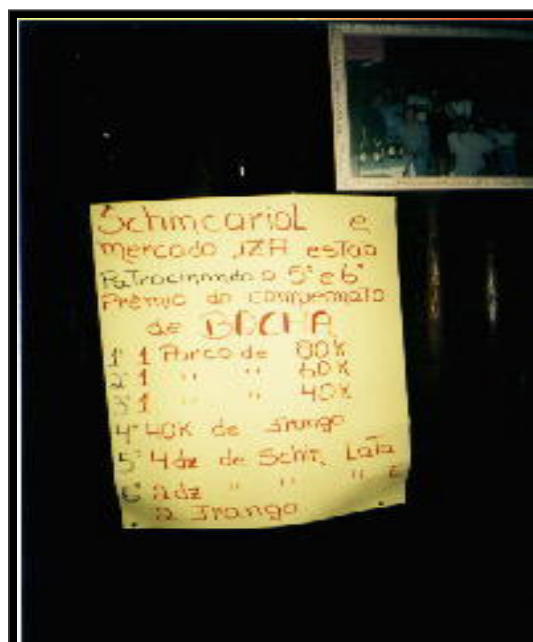
⁶ O cardápio servido nesta festa foi de costeletas de porco fritas, bolinhos de carne, pasteis de diversos sabores. A bebida preferida é cerveja, mas como o tempo estava bastante frio, foi servido quentão aos participantes do torneio que apreciavam tal especiaria. Para a dupla vencedora o prêmio era um “porco” (limpo) de 80 quilos. Para o 2º lugar, outro porco de 60 quilos, e para o terceiro lugar 40 quilos de frango (limpo). Os prêmios de primeiro e segundos lugares foram doados por um membro da comunidade que possui criação de porcos. Os prêmios de 3º lugar foram doados por todos os participantes, uma vez que morando num lugar propício e retirado do centro do bairro, possuem criação de frangos, e outras espécies.

Figura 9 – Regulamento do Campeonato de Bocha



Fonte: Próprio autor, 2002.

Figura 10 – Prêmios do Campeonato de Bocha



Fonte: Próprio autor, 2002.

A bocha tem origem histórica muito distante, sem que pudéssemos estabelecer exatamente a data da sua origem. Historiadores falam de um jogo praticado no Egito e na Grécia antiga, por meio de objetos de forma esférica, em particular, pedras redondas.

Parece que, desde então, os seres humanos tem se recreado fazendo correr sobre o solo, objetos de forma esférica, primeiramente de pedra, depois de madeira ou de metal. Esta forma recreativa foi-se alterando e complexificando pouco a pouco, estabelecendo-se novas regras.

Este jogo se difundiu com o passar dos anos, tendo-se notícias de que os latinos o propagaram provavelmente durante a idade média, sendo mesmo tão popular em ser praticado nas praças públicas e nas ruas, a tal ponto que Carlos IV, em 1319 e também Carlos V e mais tarde o patriarca de Veneza, em 1576, foram obrigados a proibir sua prática. Federação Catarinense de Bochas e Bolão, (1982, p. 3-4). Em compensação, este jogo foi fomentado na corte de Isabel da Inglaterra e teve entre seus afeitos o famoso Almirante corsário Francis Drake. Muito mais tarde, este último foi imitado na Itália por Garibaldi.

Este jogo popular propagou-se com facilidade em muitos países, por intermédio dos povos francês e italiano; o mesmo encontra-se, talvez com regras diferentes, na África (Argélia, Marrocos, Tunísia, Senegal, etc.) e, naturalmente, na Europa, onde os países interessados constituíram a Federation Internacional de Boules (FIB) que disciplinou o esporte da bocha com regras técnicas e normas bem definidas. Regra Oficial de Bochas – Federação Catarinense de Bochas e Bolão (1982, p. 3-4).

O jogo de bocha é grandemente difundido no Estado de Santa Catarina tanto pelos ítalo-brasileiros, bem como pelos teuto-brasileiros. É um jogo muito disputado, regido por um regulamento dos mais completos, sendo jogado em parceria. Os parceiros jogam num lado da cancha, (cabeceira), se revezando nas duas cabeceiras. Quando dois jogam, os outros ficam observando as jogadas afim de que os que estão jogando não infringam o regulamento. Além disso tem dois juizes oficiais, sendo um deles auxiliar e mais dois fiscais. Isto, quando se trata de campeonato oficial. Quando o jogo é simples, o regulamento é quebrado, mas mesmo assim, antes do início da partida é fixado o sistema de jogo.

Como em todo torneio, este também mostrou uma dinâmica própria da região: as duplas chegavam ao local, logo começavam a se relacionar com outras duplas e com as pessoas presentes. Inicialmente um pouco tímidas, e, aos poucos as conversas iam tomando conta do local. Animados com o início do torneio, o falatório era bastante grande, abraça-

vam-se, perguntando uns para os outros, “quem será o vencedor”. Após um certo tempo, a intimidade tomava conta do recinto. Uns pediam música e que fosse aumentado o volume, outros conversavam animadamente gesticulando, e outros ainda, davam um pouco de atenção à família.

Aos poucos o falatório foi diminuindo de intensidade, pois o torneio havia iniciado. A música, que era mecânica, teve sua altura diminuída, e o que se ouvia com nitidez, era o deslizar das bolas na quadra e a batida delas, nas tábuas de proteção. Cada jogada em que as duplas faziam um grande número de pontos era comemorada com abraços, como os característicos “tapinhas nas costas”. As duplas se movimentavam, como se estivessem fazendo uma coreografia ensaiada há muito tempo, tal era a sincronia de movimento. O brindar dos copos, estava presente a cada jogada executada com acerto, e o conteúdo dos mesmos variava de acordo com o gosto de cada um; como estava muito frio, uns bebiam quentão, outros cerveja ou refrigerante, sempre em quantidades acima do normal.

O tamanho das canchas ou quadras variam, nesse jogo, numa extensão de 24 a 30 metros por 4 a 8 metros de largura. Têm uma faixa em cada cabeceira, permitindo o deslocamento do jogador. O piso da cancha é uniforme com fundo de areia ou barro bem fina. A mesma é protegida por quatro tábuas que servem de proteção lateral. A finalidade do jogo não é a bola rolar, mas sim deslizar na pista.

O jogo da bocha é formado por 4 bolas brancas de madeira ou plástico ou ainda outra cor e 4 azuis, ou 6, conforme a formação da equipe. O principal elemento do jogo é o Bolim, sobre o qual se desenvolvem as jogadas. O “Bolim”, é uma pequena bola também de madeira ou plástico, de cor mais clara que as grandes, visto que enquanto que as outras bolas regulam entre 8 a 12 centímetros de diâmetro o Bolim mede entre 2,5 a 3,5 centímetros (GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 1987, p. 3-4).

A Festa do Padroeiro realizou-se nos dias 15 e 16 de junho de 2002 tendo como local um salão ainda inacabado situado próximo a Capela Santo Antônio. Esta festa é uma tradição daquela comunidade e se repete há mais de 40 anos, aproximando os descendentes

de colonizadores alemães e italianos para comemorarem data tão especial. A integração desses descendentes é inigualável e contagiante, suas raízes étnicas têm características alegres, o que, sem dúvida, transforma a festa num sucesso.

Em Ribeiro (1997 p. 241) lemos “ O contingente imigratório europeu integrado na população brasileira é avaliado em 5 milhões de pessoas, quatro quintas partes das quais entraram no país no último século”... Sua configuração histórico-cultural na região sulina é constituída pelos brasileiros de origem germânica, italiana, polonesa, japonesa, libanesa e várias outras, introduzidos como imigrantes do século passado, principalmente nas duas últimas décadas. Distinguem-se pelo bilingüismo, com o emprego de um idioma estrangeiro como língua doméstica, alguns hábitos que ainda os vinculam as suas matrizes européias.

As diversas áreas de colonização européia formam, hoje, uma região com fisionomia própria aglutinada em vilas pela concentração de moradores em torno do comércio, da igreja e da escola. Este movimento pode ser identificado com o conceito de “povos transplantados” que Ribeiro (1987, p. 58) apresenta, mostrando como que resultantes de um movimento de migração que atravessou os oceanos, mas que conserva suas características étnicas originais e que, com a passagem do tempo, vai alterando-se em um novo contexto, em contato com um “povo-novo” que se constituiu aqui no Brasil destes quinhentos anos.

Algumas das antigas vilas coloniais gringas transformaram-se, em importantes centros industriais regionais, como Caxias do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Blumenau, Joinville e Itajaí (Ribeiro, 1997 p. 241-443).

Nessa miscegenação de povos, não poderia faltar música e dança. A animação da festa inicialmente com música mecânica, de ritmos variados, de tradição alemã e italiana. Por volta das 22:00 horas teve início o baile, animado por um conjunto musical⁷. Inicial-

⁷ Para esta festa foi contratado o Conjunto Márcio e Sincler que tocam músicas variadas, e de todos os gêneros, enfatizando músicas tradicionalistas alemãs, italianas, gauchescas, todas bastante ritmadas, notando-se também, a miscigenação de ritmos e etnias diferentes.

mente tímidos, poucos casais se arriscavam a dançar pelo salão, passado o primeiro impacto, muitos casais começaram a dançar, e o salão ficou lotado.

A observação deste aspecto da festa mostrou que “a dança consiste na repetição de certos movimentos rítmicos executados pelo corpo, especialmente pelas pernas” (Camargo 1994, p. 31). Simples ou mais complexos, esses movimentos ensejam as mesmas características no ritmo básico da música de dança, que é inspirada nos passos. Em contrapartida, a audição de certos ritmos suscita-nos a vontade de movimentar o corpo, adequando-o ao ritmo sugerido, mostrando a dança como uma forma de comunicação e interação social.

Uns dançavam sem conversar com o parceiro ou a parceira, outros conversavam animadamente e gesticulavam; alguns dançavam separadamente, formando grupos pequenos que aumentavam no decorrer da música. Crianças também dançavam aos pares ou em pequenos grupos. A música, executada pelo conjunto, era de ritmos variados, e percebeu-se que as mais concorridas não eram as tradicionais germânicas ou italianas, mas, sim as músicas populares executadas no cotidiano das rádios. O baile se prolongou até altas horas.

No dia seguinte, a festa continuou após missa realizada na Capela Santo Antônio às 9:30 horas e terminou por volta das 22:00 horas. “A festa requer uma quantidade de força – trabalho não utilizável para fins econômicos” (Giacalone In Fleuri 1998, p. 128) e, como no caso destas observadas, caracteriza-se em muito pelo trabalho de cooperação. Os trabalhos realizados durante a sua preparação e o seu desenvolvimento são de fato gratuitos, e não são dirigidos à produção de bens materiais, mas à fruição do jogo festivo. Na sociedade capitalista onde todo o serviço tem um preço, a festa continua sendo uma modalidade da vida em coletividade, na qual o trabalho não é transformado imediatamente em valor monetário. A festa produz rendas, evidentemente, mas freqüentemente o resultado econômico é destinado à organização da festa enquanto tal ou de outras atividades comunitárias.

No decorrer da festa os participantes degustavam com churrasco, galinha assada, saladas variadas, doces tradicionais, como: cuca de diversos sabores e tortas, todos confeccionados e confeitados pelas senhoras daquela comunidade. A confraternização incluía

crianças, jovens, adultos e pessoas idosas. Famílias inteiras se divertiam e se deliciavam com as iguarias; sempre muito alegres e bem entrosados. Aproximadamente, 400 pessoas participaram dessa festa.

A Sociedade Esportiva e Recreativa Piraí promoveu a XXVIII Festa do Colono⁸, que segundo Sr. Arlindo Schulze presidente da Sociedade Esportiva e Recreativa Piraí e organizador do desfile à 12 anos, esta festa sempre é realizado no mês de Julho próximo ao dia do colono, oficialmente comemorado no dia 25 de julho. Este ano a Festa do Colono contou com o apoio da Fundação Cultural de Joinville, ainda que apenas nominalmente, dado que a prefeitura não dispôs de outro auxílio que não uma propaganda da realização da referida festa.

Esta é uma festa que oferece “rituais alimentares”, e encontra-se ligada aos ciclos agrícolas e às estações do ano, e é marcada por comportamentos excepcionais e pela abundância de alimentos. A exacerbação da corporeidade (nos vários aspectos como o jogo, dança, comida) é um de seus fatores essenciais, e o comer de forma coletiva e ritual constitui uma de suas características principais da festa, como nos diz Giacalone, In Fleuri (1998, p. 129).

O ciclo do calendário, no qual estão inseridas as festas tradicionais mostra uma relação entre cultura agrícola e as épocas das festas. “As festas que aparecem nos calendários agrícolas ou de outras culturas refletem realmente períodos das estações nos quais mais acentuadamente se percebe a precariedade dos meios existenciais e mais premente surge a necessidade de compensar com meios mágicos e rituais a sorte de cada ciclo produtivo”

⁸ Segue abaixo a programação da festa do Colono: Local: Salão Jacob - dias 12,13 e 14 de julho de 2002. Programação:

Dia 12 – sexta feira: as 19:00 horas – Tradicional Schwarzaauer e Baile com musical Alto Astral

Dia 13 – sábado: Às 20:00 horas- Abertura Oficial ,Às 21:30 horas- Coroação da Rainha e colocação de Faixas às Princesas. Às 22:00 horas – Início do baile, animado pelo Musical Ecco’s Band.

Dia 14- Domingo: Às 9:00 horas- Desfile dos alunos da Escola Isolada Piraí, Atiradores da Sociedade e diversas atrações.Às 10:00 horas- Início da disputa do torneio de tiro ao alvo.Às 12:00 horas- Almoço típico.Às 14:00 horas- Início da tarde dançante com Musical Ecco’s Band.Às 16:30 horas- Entrega de troféus e medalhas aos vencedores do torneio de tiro ao alvo. Das 17:00 horas até às 20:00 horas continuação da tarde dançante. Durante os Festejos houve serviço completo de bar e cozinha.

(Nola, In Giacalone, 1998, p. 129). Esta condição de contato entre as formas culturais de uma população e sua relação com a natureza que a festa apresenta, tem um grande valor educativo para as novas gerações por colocar aspectos diferentes daqueles observados numa cultura mais propriamente urbana ou urbanizada com a qual as crianças e jovens vão tomando contato, numa cidade industrial como a de Joinville.

Figura 11 – XXVIII Festa do Colono – Traje Típico



Fonte: Próprio autor, 2002

Sr. Arlindo que é pedreiro e carpinteiro de profissão, ajuda nas reformas e melhoramentos do salão da Sociedade Esportiva e Recreativa Pirai, juntamente com outros membros da referida Sociedade. É uma festa típica da comunidade local, prestigiada também por integrantes de outras comunidades.

Famílias inteiras prestigiaram à festa durante os três dias. O local é simples, e os integrantes da sociedade que possuem tempo disponível, ajudam na arrumação do salão, enfeitado com legumes, verduras, cachos de banana, aipim e palmeiras. Descreve ainda, o Sr.

Arlindo que “Schwarzauer” quer dizer: “sopa preta”, feita com galinha, temperos, batata, e o principal ingrediente, sangue de galinha, especiaria essa muito apreciada pelos participantes da festa em questão.

Interessante ressaltar que mesas compridas, com bancos no lugar de cadeiras, fazem parte da decoração do referido local; membros da comunidade sentam-se agrupados às mesas, e, muitas vezes nem se conhecem. Quando começou a música, (baile), grande parte dos presentes, levantou-se e foi dançar, casais, crianças, jovens, vovôs e vovós, e o que mais chamou atenção, foi ver pessoas do mesmo sexo dançando juntas, as vezes duas jovens, outras vezes duas senhoras e até crianças.

Figura 12 – XXVIII Festa do Colono – Jovens Dançando



Fonte: Próprio autor, 2002.

A música, inicialmente, típica alemã de ritmo marcante e alegre contagiava os presentes.

“Sem dúvida, naturalmente, os sujeitos admitem que é sempre válido dançar por dançar; dançar para celebrar datas importantes; dançar pelo prazer de sentir os valores do afeto e da comensalidade; dançar pelo gosto de ficar junto de alguém especial; dançar para ocupar o tempo, girando por espaços que representam união ou esperanças” (Andrade 2001, p. 171).

Enquanto uns dançavam, outros se deliciavam com a referida sopa, ou outro tipo de comida, ou ainda, reuniam-se próximo ao bar, para conversar.

O ritmo e o tipo de música, mudava constantemente. Aqui, já se percebe uma mescla entre as manifestações da cultura popular, com outros ritmos de música mais pertencentes a cultura de massas. As vezes alemã, outras vezes populares, sertanejas, rock, românticas, etc... Aqui cabe uma observação, cada vez que o ritmo da música mudava, todos retornavam aos seus lugares, observavam e prestavam atenção na próxima música, caso fosse do seu agrado, voltavam ao salão para dançar, caso contrário, ficavam sentados.

No primeiro dia, a festa terminou por volta da meia noite. No segundo dia, às três da manhã, e no terceiro dia, às 20:00 horas, com a “**colheita**”; que consiste em: retirar os enfeites do salão, isto é, os legumes, verduras, cachos de banana, aipim, etc... A “colheita”, é um ritual que tem passado de geração em geração, de pai para filho, tradição essa, típica da cultura alemã. Muitos participantes da festa, esperam por esse momento, considerando-o um dos momentos culminantes da festa. É bastante divertido, e ao mesmo tempo, bem proveitoso. Tudo o que for “colhido”, fica com a pessoa que colheu.

Figura 13 – XXVIII Festa do Colono – Desfile



Fonte: Próprio autor, 2002.

No dia 14, domingo, a festa iniciou com um desfile dos alunos da Escola Isolada Pirai, atiradores da sociedade, bandinhas típicas formadas por membros da comunidade,

carroças enfeitadas, tratores, e cavaleiros. A vestimenta dos participantes do desfile era composta por trajes típicos.

Figura 14 – XXVIII Festa do Colono – Desfile – Bandinha Típica



Fonte: Próprio autor, 2002.

Figura 15 – XXVIII Festa do Colono – Desfile – Trajes Típicos



Fonte: Próprio autor, 2002.

Figura 16 – XXVIII Festa do Colono – Desfile – Trator com Produtos Agrícolas



Fonte: Próprio autor, 2002.

Após o desfile realizado na frente da referida sociedade, num percurso de 500 metros, ida e volta, todas as pessoas que estavam assistindo o desfile, mais os participantes e outros membros da comunidade, entraram no salão para dar prosseguimento à festa.

A cada ano que passa, o sucesso da festa aumenta e o número de participantes também; sendo que este ano aproximadamente 700 pessoas prestigiaram a programação.

A visita ao Grupo Cultural Raio de Sol aconteceu num domingo, dia 14/07/2002, porque este grupo ensaia somente neste dia, no período das 9:00 às 11:00 horas. Segundo a senhora Aneida Raske, o Grupo Cultural Raio de Sol, nasceu à 20 anos, sendo ensaiado e idealizado por ela. A referida senhora é oriunda do Rio Grande do Sul e sua formação acadêmica é em Letras. Como vivenciou o folclore gaúcho com bastante intensidade nos seus idos tempos de mocidade, fundou o referido grupo por sentir necessidade de resgatar o folclore Alemão, em terras Catarinenses, pouco divulgado e preservado naquela comunidade de etnia germânica.

O local de ensaios do referido grupo, permanece o mesmo deste então, Escola Estadual Maestro Manoel da Silva que sede seu espaço para tal finalidade. Inicialmente, participaram do Festival de Danças de Joinville. Muitos são os convites recebidos pelo grupo.

Figura 17 – Grupo Folclórico Raio do Sol



Fonte: Próprio autor, 2002.

Muitos são os convites recebidos pelo grupo. Tiveram a oportunidade de fazer apresentações em alguns estados brasileiros tais como: Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e diversas localidades do Estado de Santa Catarina, depois da divulgação através da Fundação Cultural de Joinville.

Figura 18 – Grupo Folclórico Raio do Sol



Fonte: Próprio autor, 2002.

O grupo não possui patrocínio ou apoio, nem mesmo do governo municipal, o que muitas vezes dificultou e dificulta até hoje, as apresentações. O trabalho de Dona Aneida é gratuito, pois ela é apaixonada pelo que faz. Com seu dinamismo, e entusiasmo extravasado, conquistou espaço naquela comunidade. Voluntariamente, o grupo conta ainda com a ajuda das mães, na confecção e arrumação dos trajes utilizados, bem como em sua conservação.

Com o passar dos anos, Dona Aneida, sentiu a necessidade de aumentar o repertório folclórico do grupo, necessidade essa criada pela desmotivação e falta de interesse dos participantes e do público que assiste às apresentações, ao ver a repetição com o passar do tempo. Essa miscigenação de danças folclóricas de etnias variadas, possibilita uma vivência maior e mais aprofundada e, ao mesmo tempo, enriquece a cultura dos participantes e do público em geral. Aqui cabe ressaltar uma frase proferida por tão sábia pessoa: “*o que*

uma atividade cultural influencia e pode influenciar na formação do caráter de uma criança e do adolescente”⁹. Porém, apesar desses aspectos, cabe destacar os problemas que essa miscigenação pode trazer para a comunidade, no que diz respeito a preservação de sua raiz cultural, bem como sua identidade local, perante outras subculturas.

Atualmente, o grupo conta também com a ajuda de ex-alunos que auxiliam nos ensaios e montagens das danças. Filhos de ex-alunos, já estão fazendo parte do referido grupo. Nesse dia, esta pesquisadora teve a oportunidade de assistir o ensaio de uma dança do folclore Polonês da região da montanhas (montanhês), dançado com o uso de machadinhas confeccionadas de madeira. É uma dança que está sendo resgatada.

Com a visita ao grupo Folclórico Raio de Sol, pudemos observar que o folclore germânico foi mais evidenciado na fundação do referido grupo, porém nota-se que o interesse por outras tradições folclóricas entraram no repertório miscigenado de culturas deste grupo, o que traz alguns problemas no que diz respeito à preservação das raízes culturais, mas acrescenta outros conhecimentos e possibilidades para a vida destas pessoas.

Um aspecto importante a destacar que diz respeito à miscigenação cultural é o fato de que o grupo também é auxiliado por coreógrafos que ajudam na montagem das coreografias. Essas pessoas, muitas vezes vem de outras localidades, inclusive do exterior. Com o relacionamento feito no decorrer desses 20 anos, dona Aneida, conta com a ajuda gratuita desses colaboradores, que, quando visitam Joinville, não se negam a ajudar tão prestigiado grupo. Atualmente, a referida senhora está em recuperação após problemas de saúde e o que tem auxiliado muito nessa recuperação, é exatamente o trabalho voluntário que faz todos os domingos, ensaiando o grupo.

⁹ Essa experiência tem sido vivenciada no grupo por alguns de seus membros. Os usuários de drogas e álcool voluntariamente deixaram de fazer uso dessas substâncias para que seu desempenho pudesse ser melhorado e aperfeiçoado durante os ensaios e apresentações.

Em Fleuri, (1998, p. 45-51) lemos: “O Brasil, como sabemos, é um “país-continente”, que ocupa 8.511.965 km² da América do Sul, com uma população de mais de 150 milhões de pessoas. O território estende-se entre a longa costa atlântica e a imensa floresta amazônica, com regiões muito férteis e grandes reservas minerais e ecológicas”. Uma terra que, justamente pelas suas riquezas, atraiu durante os últimos cinco séculos conquistadores do mundo inteiro.

Para substituir o trabalho escravo, a partir da segunda metade do século XIX, foi incentivada a maciça imigração de europeus, árabes, japoneses, chineses e outros, que se dirigiram principalmente ao sul do país, contribuindo para promover a industrialização e o desenvolvimento agrícola da região, com tudo o que este fenômeno significa de enriquecimento e, ao mesmo tempo, de novos conflitos e desafios.

Hoje o Brasil se configura como um povo que constrói um projeto de sociedade e de cidadania e que apresenta alguns elementos de uma certa identidade nacional a partir da simbiose entre múltiplos sujeitos e movimentos sociais, étnicos e culturais em processo de integração e conflitos profundos. Neste contexto, emerge o desafio de se compreender e valorizar as diferenças como condição para promover sua integração criativa, assim como o desafio de compreender as raízes dos conflitos surgidos como passos necessários para se construir estratégias para superá-los de modo justo e construtivo.

É possível dizer que, em geral, nós brasileiros consideramos como que “natural” que nossas famílias e nós mesmos sejamos resultados de uma grande miscigenação de etnias e culturas, cujas origens e diferenças já não nos conhecemos com clareza. Da mesma forma, nos habituamos a misturar diferentes sabores nas refeições, privilegiando a variedade e combinações de gostos mais do que a especificidade de cada sabor e a história de cada receita, ambos os aspectos positivos se considerarmos os inúmeros conflitos étnicos que se vê atualmente.

No Brasil já nos encontramos numa situação, por assim dizer, *intercultural*. Isto, porém, não pertence a um passado concluído, mas manifesta uma grande dinamismo em desenvolvimento, incluindo os sincretismos religiosos, as festas populares e os hábitos alimentares e continua a apresentar novas perspectivas. É preciso incluir aí os problemas que podem ser derivados da integração e de conflito que poderão decorrer da implantação de alianças como o Mercosul e a ALCA, um novo estágio do processo civilizatório brasileiro, como diz Ribeiro e que no caso brasileiro, é marcado pela “Criatividade Cultural” (Ribeiro, 1987, p. 133).

Sempre que as pessoas se deparam com um problema, acham difícil sua solução ou não encontram a melhor maneira de resolvê-lo, paira no ar uma pergunta: e agora? Não foi diferente o que aconteceu com esta pesquisadora.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se foi difícil começar o trabalho, também está sendo difícil concluí-lo. O sentimento toma conta dos pensamentos desta professora pesquisadora. A lembrança das aulas do mestrado ministradas nos módulos, as viagens para às outras universidades, as amizades conquistadas no decorrer do processo educativo, as “orientações” da orientadora, as idas às bibliotecas, as visitas ao bairro Vila Nova. Quando deu-se conta tudo havia se tornado passado. Mas, nem por isso podemos deixar de pensar no que foi realizado e planejar o futuro.

Mais uma vez, reitera-se que tudo isso começou nos idos anos 70, com o convite para ministrar aulas no Curso de Educação Física – UNIVILLE, na disciplina de Atividades Rítmicas. Nessa longa jornada, de mais de 30 anos, talvez consiga transferir para os alunos interessados, em fazer pesquisa. o quão difícil é; porém, transmitir a eles o quanto isso também gratificante. Espera-se, assim, contribuir para despertar o interesse daqueles que desejarem seguir o caminho acadêmico da pesquisa.

A cada dia que se dirigia para o bairro pesquisado, mais apreciava o que estava fazendo. Tudo acontecia tão rápido que quando se dava conta, as horas já haviam passado. “Parecia estar num outro mundo”: A paisagem, as construções das casas enxaimel, o ar puro, o tráfego calmo sem a correria da cidade, a simpatia das pessoas, a lama das estradas sem pavimentação nos dias de chuva, ainda característica do bairro, as festas em que se parte, deixa e vai deixar saudade.

Depois desse momento mais saudosista, contudo, pode-se sintetizar que ao longo da pesquisa identificou-se a existência de elementos da cultura popular relacionados às atividades rítmicas que mostram a preservação das raízes étnico-germânicas, especialmente

nas festividades, eventos característicos dessa comunidade vinculada a cultura européia e em especial, a germânica, observadas ao longo dos meses do primeiro semestre de 2002.

O programa do Governo de Joinville com relação à Cultura e às Políticas Públicas é sem dúvida bastante completo e abrangente; contudo, no que tange a atuação efetiva e participante nos bairros, principalmente no que se refere à criação de condições de manifestação da cultura popular é quase nula, estando presente, principalmente, no incentivo à cultura de massa e à cultura erudita, centralizada em alguns pontos e eventos do município, como se pode observar no seu documento oficial de divulgação (IPPUJ, 2001/2002).

Sua atuação efetiva seria de suma importância no que diz respeito à preservação desses elementos que constituem a identidade cultural das comunidades desta cidade tão peculiar do sul brasileiro. Esta atuação das políticas públicas para a cultura popular seria importante, também, para educadores que se pautam pelo respeito à diversidade cultural, aspecto fundamental quando atuam em conjunto com comunidades com essas características étnicas ainda tão presentes, objetivando construir uma educação intercultural.

As festas observadas no bairro em questão ainda traduzem, em seu âmago, a importância que seus descendentes deixaram como herança cultural para este povo que migrou para a região. A espontaneidade, a cooperação mútua e desinteressada, a simplicidade, a singeleza, a alegria contagiante extravasada no decorrer dessas festividades são características marcantes nesses eventos e, possivelmente, deixando marcas na vida coletiva e na subjetividade de seus membros.

“Nas festas se “faz” algo, o que significa que não existe um ato puramente intelectual, mas se realiza uma experiência direta, da qual todos participam” diz Giacalone, (in Fleuri, 1998, p.143). É um fazer que pressupõe um saber, um jogo que coloca em campo valores e sentido de grupo, valores estes observado no decorrer das festividades, no que tange principalmente à sua organização, assim como na alimentação.

No interior da escola, esta experiência poderia auxiliar a conjugar mecanismos cognitivos e âmbitos experimentais, em uma relação que é guiada e dirigida pelos professores, mas na qual as crianças poderiam realizar as próprias competências de qualquer natureza que estas sejam (Giacalone in Fleuri, 1998, p. 143-144).

A festa possui saberes que se transmitem com diferentes formas de linguagem, verbal e não verbal; a cada qual pode ser dada a oportunidade de se expressar na modalidade mais correspondente e aprender outras através da relação e da troca. Além disso, a festa como todo fenômeno social, não é imutável, portanto pode ser re-inventada. A análise de seus elementos de composição permite também a sua reprodução, a sua adaptação àqueles que a promovem e a vivem. Na invenção ou na reinvenção, à tradição se transforma, novos elementos entram em jogo e assim torna-se possível refuncionalizar os símbolos.

Concluindo este trabalho, que pode ser considerado uma marca na experiência de vida da autora, espera-se poder contribuir e, ao mesmo tempo, despertar o interesse sobre a Cultura Popular e as Atividades Rítmicas, em sujeitos que estão iniciando sua carreira como pesquisadores e professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, José Vicente de. **Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- Azevedo, J. M. L. **A educação como política**. São Paulo: Autores Associados, 1997.
- Barros, Daisy P. & Barros, D.do R. **Educação física na escola primária**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1969.
- Bastos, L. da R; Paixão, L; Fernandes L. M; Deluiz, N. **Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.
- Becker, Rosane Nunes. **Musicalização: da descoberta à consciência rítmica e sonora**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 1987.
- Böbel, M. T. & S. Thiago, R. **Os pioneiros documento e história**. Joinville: Univille, 2001.
- Bosi, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- Camargo, Maria Ligia Marcondes de. **Música/movimento: um universo em duas dimensões; aspectos técnicos e pedagógicos na Educação Física**. Belo Horizonte: Villa Rica, 1994.
- Cavalcante, Rodrigo. **Super interessante**, ano 15, n. 2, 2001.
- Chauí, Marilena. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. Disponível em: <<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 19 ago. 2002.
- Corrêa R. M. & Rosa T. F. **Histórias dos bairros de Joinville: arquivo histórico**. São Paulo: Círculo, 1992.
- Cox, Harvey. **A festa dos foliões**. [Petrópolis]: Vozes, 1974.
- Featherstone, Mike. **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Fleuri, R. M. & Fantin, M. **Culturas em relação**. Florianópolis: Mover, 1998.
- Fleuri, Reinaldo Matias. **Interculturas e movimentos sociais**. Florianópolis: MOVER/NUP, 1998.
- Governo de Santa Catarina. Biblioteca da Cultura Popular Catarinense. Edição: Comissão Catarinense de Folclore. Apoio: Secretaria de Cultura e Esporte, 1987.
- Haguette, Maria Teresa Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

IPPUI. Fundação Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Joinville. Joinville, 2001/2002.

Kephart, N. C. **O aluno de aprendizagem lenta**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

Laban, R. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

Matos, M. G. de. **Corpo, movimento e socialização**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

Menezes, D. de B. & Nunes, V. B. **O mundo da criança**: música para crianças. Rio de Janeiro: Delta, 1954.

Novo Plano de Governo. **Joinville século 21**: 2000 a 2004.

Ortiz, John M. **O tao da música**: utilizando a música para melhorar sua vida. São Paulo: Mandarin, 1998.

Pinto, Renato Magalhães. **Gestos musicalizados**: uma relação entre educação física e música. Belo Horizonte: Inédita, 1997.

Prefeitura Municipal de Joinville. **Lei complementar n. 54 de 18 de dez.** 1997.

_____. Dados básicos de Joinville, 1996.

Ribas Júnior, S. **Retratos de Santa Catarina**. 4. ed. Florianópolis: [s.n.], 2001.

Ribeiro, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. Companhia das letras, 1997.

_____. **Tempo brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

Silva, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação**: um vocábulo crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Sinopse Preliminar do Censo Demográfico. v. 7, 2000.

Trivinos, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXO

Glossário Musical

Algumas terminologias musicais, que possam esclarecer dúvidas à pessoas que se interessam por atividades rítmicas.

Audição Interior: é a aptidão para se representar toda a espécie de sons, timbres, melodias, ritmos ou obras musicais complexas tomadas em conjunto se receber de fora nenhuma impressão musical.

Articulação: quer dizer flexionar, soltar, impulsionar a voz.

Altura: é a qualidade do som que permite a sua variação de grave para agudo e vice-versa. Através da altura, consegue-se a afinação.

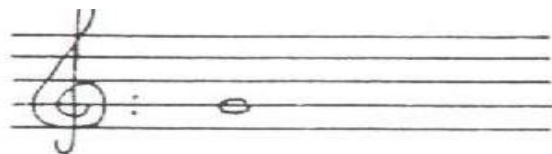
Duração: é a sustentação do som (longo-curto). A organização do som é que dá o ritmo à música.

Intensidade: é o som forte ou fraco.

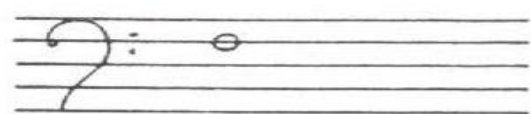
Andamento: é o grau de velocidade com que a música se projeta. Os diferentes andamentos são indicados através de palavras ou expressões específicas.

Clave: são sinais colocados no princípio da pauta para indicar a posição e o nome da notas, que sempre se sucedem na ordem indicada.

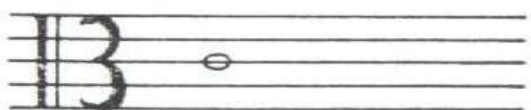
Ex.: Clave de Sol



Clave de Fá



Clave de Dó



A clave mais usada é a de Sol.

Compasso: são acentuações que se produzem continuamente de um modo regular e que determinam a divisão de trecho musical em outras partes de igual duração.

Os compassos são indicados por meio de “travessões” (pequenas linhas retas, perpendiculares à pauta). Quando o trecho musical finaliza, o último compasso é marcado por travessão final, que é formado por duas linhas retas à pequena distância e perpendiculares à pauta musical.

Ex.:

Os compassos simples se dividem em binário, ternário e quaternário.

Um compasso é binário quando as acentuações fortes se repetem de duas em duas (um tempo forte e outro fraco). O símbolo usado na pauta é 2/4.

Um compasso é ternário quando as acentuações mais fortes se repetem de 3 em 3, quando depois de uma acentuação forte vêm duas fracas. O símbolo usado na pauta é 3/4.

Um compasso é quaternário quando as acentuações mais fortes se repetem de 4 e 4 e entre 2 mais fortes existe 1 meio forte e 2 mais fracas. Depois de cada travessão vem a acentuação mais forte, segue um mais fraco, um meio forte e o mais fraco.

A indicação do compasso vem logo depois da clave e é feita por meio de uma fração 4/4, ou da letra C, no caso do compasso quaternário.

O numerador da fração representa a natureza do compasso (binário – 2, ternário – 3, quaternário – 4) e a quantidade dos valores que devem entrar em cada compasso.

O denominador da fração indica a qualidade destes valores, onde a nota, que sozinha preenche um compasso, é chamada unidade de compasso.

A nota semibreve é a unidade de valor na música, a mínima representa a metade da unidade, a colcheia a quarta parte e assim por diante.

Coral: é o nome que se dá ao conjunto de pessoas que cantam ou falam juntas, em coro.

Elementos Estruturais e Fundamentais: são os elementos que compõem toda a música.

Elementos Estruturais: melodia, ritmo, forma, dinâmica, timbre, tempo, harmonia.

Elementos Estruturais Expressivos: forma, tempo, dinâmica e timbre.

Elementos Fundamentais: (Musical), melodia, ritmo (Musical) e harmonia (Musical), Som.

Podem-se criar canções só com os elementos fundamentais.

Emissão: é a exteriorização do som e sua projeção no espaço. Diz-se ainda que a emissão na produção da voz é a aplicação sistemática e metódica de expiração.

Empostação Vocal: significa pôr, colocar no lugar, situar a voz de maneira a conseguir, sem esforço, um rendimento sonoro com as condições vocais.

Entonação: subentende afinação, ajuste de tons.

Escala: seqüência se sons com alturas aproximadas em movimento ascendente de descendente, limitada pela oitava, cuja nota representativa é o centro de atração.

Expiração: é a saída de ar dos pulmões, determinada pelo relaxamento dos músculos inspiradores com aumento da pressão interna dos pulmões. A caixa torácica, ao tomar suas dimensões anteriores, comprime os pulmões que, em consequência, expelle o ar neles contido.

Fermata: é um sinal que se escreve sobre a nota ou a pausa para sustentá-los por um tempo indeterminado.

Harmonia: relacionamento simultâneo de sons. É o aspecto vertical da linguagem musical.

Inspiração: é a entrada de ar nos pulmões determinada pela expansão do tórax, com diminuição da pressão interna dos pulmões. Essa expansão é determinada pela contração dos músculos inspiradores, o diafragma e intercostais, principalmente. Como os pulmões estão em íntima relação com as paredes torácicas, eles também se expandem e o ar neles penetra.

Intervalo: é a relação existente entre duas alturas.

Laringe: é o órgão da fonação (produção da voz), conhecida como harpa humana. É o mais importante órgão para a produção da voz, pois nele estão localizadas as cordas vocais.

Melodia: é o conjunto de sons que se sucedem e está intimamente ligado ao ritmo.

Notas: são sinais de forma e valor diferentes, que figuram e representam os sons do mesmo modo que as letras do alfabeto figuram e representam a linguagem falada. São 7 as notas musicais: DÓ, Ré, Mí, Fá, Sol, Lá, Si.

Pulso: é a batida regular que acompanha a música.

Pauta Musical ou Pentagrama: é o conjunto de 5 linhas paralelas, horizontalmente traçadas que, juntamente com os 4 espaços por ela formados, se destinam a receber a notação (escrita) musical - notas, claves, pausas, etc.

Ruído: é a seqüência de sons confusos e discordantes cuja altura não pode ser apreciada com exatidão.

Semitom ou Meio-Tom: é a menor distância entre dois graus; o elemento básico da escala.

Sinais de Alteração ou Acidentes: são os que modificam a altura das notas. Podem ser:

- ascendentes (o sustenido) – eleva a altura da nota em um semitom;
- descendente (o bemol) – abaixa a altura da nota em um semitom;
- (o bequadro) – anula o efeito de qualquer alteração, fazendo a nota voltar à entonação natural.

Som: é a impressão produzida em nosso ouvido pela vibração de um corpo sonoro.

Os sons dividem-se em:

Agudos: são resultantes de movimentos vibratórios numerosos e extremamente rápidos.

Graves: são resultantes de vibrações menos numerosas e mais lentas.

Medianos ou Intermediários: são resultantes de movimentos vibratórios médios, entre os agudos e os graves.

Tempo: determina a real velocidade dos grupos de valores musicais, através do pulso, elemento organizador dos valores e que dá realidade objetiva ao tempo.

O tempo é geralmente expresso pelos andamentos. Ele determina o humor da música, é um elemento de grande expressividade.

Tom: é o intervalo equivalente à soma de dois semitons.

Tonalidade: é determinada pela altura em que se encontra a tônica da escala, isto é, a caracterização da altura de uma escala de acordo com a nota correspondente ao centro da atração (Ex.: Dó Maior, Sol Maior, etc.).

Transposição: é a mudança de altura de uma composição. Ela modifica a altura dos sons, conservando os mesmos intervalos.

Valores: as células rítmicas possuem valores e pausas diferentes.

Voz: é um meio natural de produção sonora que depende exclusivamente das condições do aparelho vocal de cada corpo.

Fonte: Becker (1989, p. 14-23).

A CULTURA POPULAR E AS ATIVIDADES RÍTMICAS: UM ESTUDO DE
CASO EM UMA COMUNIDADE DE RAIZ ÉTNICA GERMÂNICA.

por

Célia Guimarães Perini

Dissertação apresentada à
Coordenadoria de Pós-graduação em Educação Física da
Universidade Federal de Santa Catarina
Como Requisito Parcial a Obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Florianópolis, SC

2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A dissertação: **A CULTURA POPULAR E AS ATIVIDADES RÍTMICAS: UM ESTUDO DE CASO EM UMA COMUNIDADE DE RAIZ ÉTNICA GERMÂNICA.**

elaborada por: **CÉLIA GUIMARÃES PERINI**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Curso de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Área de Concentração: Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física

Data: 14 de novembro de 2002

Prof.^o Dr. Juarez Vieira do Nascimento
Coordenador do Mestrado em Educação Física

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Ana Márcia Silva – Orientadora

Prof.^o Dr. Valdir Vegini

Prof.^o Dr. Elenor Kunz

Prof.^o Dr. Viktor Shigunov

Dedicatória

Aos mestres e professores que ao longo da vida me ensinaram, aos alunos e ex-alunos que fizeram parte do meu aprendizado, a minha família pela dedicação e paciência.

Agradecimentos

A todas pessoas que de uma forma ou outra colaboraram para que este trabalho fosse realizado.

Escute e confie em sua capacidade de ouvir,
só pela música conseguimos ouvir o passa-
do, desfrutar o presente e compor o futuro.

John M. Ortiz

ÍNDICE

LISTA DE ANEXO	vii
LISTA DE IMAGENS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x

Capítulo

I. PARA UMA INTRODUÇÃO À PESQUISA: PASSOS DA CAMINHADA.....	1
Fundamentos deste Estudo:	
Objetivos, Delimitação e Importância	
Atividades Rítmicas, Memória Viva e Experienciada	
Objetivos, Delimitação e Importância de Estudo	
II. A CULTURA POPULAR E O ESPAÇO PÚBLICO: FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS	10
Espaço Público e a Gestão Municipal da Cultura	
Aspectos da História de Joinville e do Bairro de Vila Nova	
Bairro Vila Nova: Uma Caracterização Inicial	
Atividades Rítmicas: Características e Desmembramentos	
A Música, A Educação e o Processo de Formação Humana	
III. A FESTA E A IDENTIDADE CULTURAL: ASPECTOS RÍTMICOS DA COMUNIDADE VILA NOVA.	42
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
ANEXO	69

LISTA DE ANEXO

Anexo	Página
1. Glossário Musical	70

LISTA DE IMAGENS

Imagens	Página
1. Mapa da Localização de Santa Catarina – Joinville	3
2. Bairro onde a Pesquisa se Desenvolveu	4
3. Bairro onde a Pesquisa se Desenvolveu	21
4. Localização da Cidade de Joinville	23
5. Bairro Vila Nova – Paisagem Rural	28
6. Construções Típicas – Casa Enxamel.....	29
7. Bandoneon Fest	43
8. Igreja Paróquia Bom Jesus.....	46
9. Regulamento do Campeonato de Bocha.....	49
10. Prêmios do Campeonato de Bocha	49
11. XXVIII Festa do Colono – Traje Típico.....	55
12. XXVIII Festa do Colono – Jovens Dançando	56
13. XXVIII Festa do Colono – Desfile	57
14. XXVIII Festa do Colono – Desfile – Bandinha Típica	58
15. XXVIII Festa do Colono – Desfile – Trajes Típicos	58
16. XXVIII Festa do Colono – Desfile – Trator com Produtos Agrícolas	58
17. Grupo Folclórico Raio do Sol.....	59
18. Grupo Folclórico Raio do Sol.....	60

RESUMO

A CULTURA POPULAR E AS ATIVIDADES RÍTMICAS: UM ESTUDO DE CASO EM UMA COMUNIDADE DE RAIZ ÉTNICA GERMÂNICA.

Autor: Célia Guimarães Perini
Orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Márcia Silva

Esta é uma pesquisa que tem como tema central as relações entre a cultura popular e as atividades rítmicas em uma comunidade de raiz étnica germânica, mais precisamente, um estudo de caso realizado num bairro da cidade de Joinville denominado Vila Nova. Como objetivos do processo de pesquisa tivemos a identificação dos elementos da cultura popular relacionado às atividades rítmicas; a descrição das festividades coletivas como parte do processo de manutenção da coesão e da identidade cultural; a busca de identificação das políticas públicas do município de Joinville referentes ao campo da cultura no bairro investigado; estes objetivos buscaram contribuir com a construção de subsídios para a atividade docente na formação profissional no âmbito da cultura popular, além de compreender melhor o ser humano a partir das atividades rítmicas provenientes da cultura popular, inseridas em manifestações festivas, tais como aquelas que foram observadas e analisadas. A herança desse povo de etnia germânica, através das atividades rítmicas, observada em festividades as mais variadas, permitiu analisar os elementos de composição, reprodução e adaptação àqueles que a promovem e a vivem.

Palavras chaves: Cultura, cultura popular, políticas públicas, atividades rítmicas.

ABSTRACT

POPULAR CULTURE AND RHYTHMICAL ACTIVITIES: CASE STUDY AMONG AN ETHNICALLY GERMANIC.

Autor: Célia Guimarães Perini

Academic Supervisor: Prof^a. Dra. Ana Márcia Silva

The central theme of this research paper lies on the study of relations existent between aspects of popular culture and rhythmical activities observed at German descendants, more precisely focusing on a case study in the community of Vila Nova, a suburb of Joinville. The research process considered the identification of those popular components which are related to the rhythmical activities, then the social cultural celebrations or festivities as taking part in the process of cultural cohesive maintenance and identity, adding the search for a public policy identification concerning urban cultural aspects (of Joinville) with the linkage to the cultural field of its suburb. The aim of these studies relies on the construction of applicable resources for teaching activities in the area of professional education favoring popular culture, thus increasing human understanding. The described activities furnished analysis of original German heritage components, its reproduction and adaption to the community members who promote and live the cultural manifestation on special data.

Key words: Culture, popular culture, public policy, rhythmic activities.